



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e**  
**Sustentabilidade na Amazônia PPG/CASA**

**ALESSANDRA ALVES DOS SANTOS**

**PERCEPÇÃO DE MORADORES DA ORLA DO BAIRRO DA UNIÃO DE**  
**PARINTINS-AM SOBRE OS CICLOS SAZONAIS DO RIO AMAZONAS**

**MANAUS – AM**

**2024**

**ALESSANDRA ALVES DOS SANTOS**

**PERCEPÇÃO DE MORADORES DA ORLA DO BAIRRO DA UNIÃO DE  
PARINTINS-AM SOBRE OS CICLOS SAZONAIS DO RIO AMAZONAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia como exigência parcial para o título de mestre sob orientação da Profa. Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi.

**MANAUS – AM  
2024**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S237p Santos, Alessandra Alves Dos  
Percepção de moradores da orla do bairro da União de Parintins-AM sobre os ciclos sazonais do rio Amazonas. / Alessandra Alves Dos Santos . 2024  
85 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Maria Inês Gasparetto Higuchi  
Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Enchente . 2. Paisagem amazônica. 3. Percepção ambiental. 4. Problemas ambientais. 5. Vazante. I. Higuchi, Maria Inês Gasparetto. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

**ALESSANDRA ALVES DOS SANTOS**

**PERCEPÇÃO DE MORADORES DA ORLA DO BAIRRO DA UNIÃO DE  
PARINTINS-AM SOBRE OS CICLOS SAZONAIS DO RIO AMAZONAS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de mestra em Ciências e Sustentabilidade na Amazônia sob orientação da Profa. Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi.

**Aprovada em: 15/03/2024**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi - Presidente

**Prof. Dr. José Camilo Ramos de Souza**  
Universidade do Estado do Amazonas

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Dayse da Silva Albuquerque**  
Universidade Federal do Amazonas

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Veridiana Vizoni Scudeller**  
Universidade Federal do Amazonas

*Deus, que com seu amor permitiu que eu chegasse nessa fase guiado por sua sabedoria divina; ao meu Avô Antônio, por ter me ensinado a ver o mundo com simplicidade (in memoriam); aos meus pais José e Ana, pois nos dias difíceis da escrita sempre recebia uma palavra de incentivo; às minhas irmãs Suelen, Rayane, Luciane e Luciana que são grandes incentivadoras nesse processo.*

## AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento a Deus, meu pai celestial, que me forneceu força, sabedoria e discernimento nos momentos difíceis da escrita de conclusão do mestrado.

A minha família, por serem suporte! A minha mãe Ana, meu pai Lúcio, as minhas irmãs Suelen, Rayane e Luciane e Luciana pelo incentivo, ao meu cunhado José Carlos, pela ajuda financeira.

Ao, Victor Dan, pelo incentivo durante o processo de seleção deste mestrado e apoio no primeiro ano da escrita da dissertação. Sua presença teve um importante papel que reflete hoje de forma positiva em minha vida. Gratidão!

A minha querida orientadora, Maria Inês, a quem tenho muita admiração e respeito! Obrigada pela paciência e incentivo durante este percurso e principalmente por acreditar que era possível executar essa pesquisa.

À Universidade Federal do Amazonas por meio do Programa de Pós-graduação Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, que me oportunizou ampliar os conhecimentos como estudante, e pesquisadora do programa trazendo-me esse olhar mais sensível para as questões que envolvem a sustentabilidade.

Aos professores que contribuíram para minha formação, os quais possibilitaram o crescimento intelectual. Agradeço a todos, em especial, ao Prof. Dr. Anderson Mathias Pereira, coordenador do PPGCASA, aos professores Dr. José Camilo Ramos de Souza (CESP/ UEA) e Dra. Dayse da Silva Albuquerque (UFAM) e Dra. Veridiana Vizoni Scudeller (UFAM) pelas contribuições na aula de qualificação.

À secretaria do PPG-CASA, na pessoa do Prof. Dr. Carlos Augusto da Silva (Tijolo) pelo auxílio e agilidade em atender demandas surgidas no decorrer dos estudos, sobretudo em tempos das aulas remotas.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas- FAPEAM, pela concessão de bolsa, a qual viabilizou a realização desta pesquisa.

Ao Laboratório de Psicologia Ambiental- LAPSEA do Instituto Nacional da Pesquisa- INPA, aos profissionais Dra. Maria Inês, Dra. Genoveva Azevedo, Adriana Terra e ainda outros colaboradores, pesquisadores e bolsistas do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC), pela acolhida no espaço, pelos encontros de formação intelectual e festividades.

Aos moradores da orla do bairro da União que colaboraram para conclusão dessa pesquisa, estendo ainda a associação do bairro na pessoa de Patrícia Macêdo e Bruno Mendes por todo suporte na questão das documentações.

Ao Dr. Assad Darwich (INPA) pela partilha de conhecimento e disponibilidade em orientar com alguns estudos sobre os ciclos sazonais na Amazônia.

Ao professor Eliseu Souza pelas orientações e conselhos durante o período de processo da escrita no mestrado.

Ao professor João Bosco Brasil, pelas orientações dos livros no processo de escrita do projeto!

Ao Yuri Pinheiro, pela disponibilização de algumas fotografias da orla do bairro da União, de seu acervo pessoal!

À querida Acleísia Tavares, pela colaboração durante o processo de aplicação do projeto piloto na orla do bairro da União.

Às pesquisadoras Jenyffer Duarte e Rebeca Bezerra, pela colaboração durante o processo de trâmite dos documentos ao Comitê de Ética em Pesquisa- CEP.

Aos colegas que conquistei durante este processo da pesquisa, pelos momentos de descontração e conhecimentos compartilhados cito aqui Rosilda Rossetti, Rayane Roque, Brian Sanches e Alessandra Queiroz, sem dúvida vocês foram meus suportes dentro e fora da universidade eu tenho enorme carinho por cada uma de vocês que Deus os conduza como grandes profissionais.

Às amigas Carol Tavares e Michele Santos, que mesmo de longe mandavam uma palavra de carinho e vibrações positivas em cada etapa dessa pesquisa.

À Thaís Guerreiro uma grande amiga, que ajudou os meus dias a se tornarem mais leves por aqui (Manaus). Deus a abençoe em sua nova jornada.

A todas as pessoas envolvidas que contribuíram direta ou indiretamente para realização desta pesquisa os meus sinceros agradecimentos.

Obrigada!

*A árvore de uma comunidade cresce e transforma na mesma medida em que as competências da própria comunidade evoluem.*

*Assim, os breves dos saberes básicos serão colocados no 'tronco'. Os saberes de saberes muito especializados de fim de cursos formarão as 'folhas'. Os 'galhos' reunirão as competências dos indivíduos etc. Mas a organização do saber é fixada para sempre: ela reflete a experiência coletiva de um grupo humano e vai, portanto, evoluir com essa experiência. (LÉVY, 1999, p. 178)*

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Localização de Parintins-AM.....	23
<b>Figura 2:</b> Orla do bairro da União no período da vazante .....	26
<b>Figura 3:</b> Orla do bairro da União .....	24
<b>Figura 4:</b> Croquis da orla no período da enchente.....	28
<b>Figura 5:</b> Tipos de comércios da orla.....	28
<b>Figura 6:</b> Croquis da orla no período da vazante.....	29
<b>Figura 7:</b> Orla no período da vazante.....	30
<b>Figura 8:</b> Orla no período da vazante.....	30
<b>Figura 9:</b> Tipos de moradias da orla.....	33
<b>Figura 10:</b> Aglomeração de moradias num mesmo terreno.....	34
<b>Figura 11:</b> Presença de lixo na vazante.....	61
<b>Figura 12:</b> Presença de lixo na enchente.....	62

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Distribuição dos entrevistados em função da faixa etária .....	19
<b>Tabela 2:</b> Distribuição do nível de escolaridade dos moradores.....	19
<b>Tabela 3:</b> Distribuição dos moradores em função do número de pessoas na mesma unidade.....	20

## RESUMO

O fenômeno do ritmo sazonal das águas na Amazônia fica evidente nas enchentes e nas vazantes dos rios. Esse ritmo proporciona mudanças substanciais na vida das pessoas e altera o ecossistema local. Este estudo se deu com moradores da orla do bairro da União localizada na cidade de Parintins-AM sobre esses ciclos sazonais do rio. Essa orla é o cartão postal e o portal de entrada dos turistas que vêm pra cidade nos festivais do Boi Bumbá. Isso tudo ocorre no período da enchente, quando lá se concentram os flutuantes festivos, os barcos de pequeno e médio porte deixando o local com um burburinho entusiasmante. Na vazante vem o “deserto” social, o baixo movimento e o lixo aparente. A transição de "mais água" para "mais terra" carrega vestígios deixados pela interação humana em suas atividades sociais. O objetivo geral desse estudo foi compreender as percepções dos moradores sobre a mudança do cenário geofísico e práticas socioambientais em função da sazonalidade do rio. A pesquisa exploratória-descritiva teve duas etapas. A primeira etapa foi realizada um levantamento socioambiental do espaço físico, a partir da técnica *walkthrough*. Na segunda etapa foram entrevistados 26 moradores (14 homens e 12 mulheres) de 19 a 67 anos de idade. Os resultados mostram que a mudanças sazonais são vivenciados no corpo e pelo acordo dos moradores. O período da enchente é o momento mais esperado, por ser um tempo de ganhos econômicos, por ter muita movimentação de pessoas e proporcionar aos moradores aproximação com o rio. Essa movimentação social atrelada à subida das águas produz sensações de alegria. Alguns desgostos, no entanto, estão presentes, entre eles a poluição, o barulho e o risco de inundação. O período da vazante é um tempo de pouca movimentação e poucas vendas, todavia por não ter movimentação o morador tem mais tempo para descansar e apreciar a paisagem que o rio e as águas lhes permitem. O desalento na vazante é o lixo deixado pelos flutuantes, embarcações e outros que ali passam. O medo de invasão de animais considerados perigosos como jacarés, cobras, ou indesejados sapos, os impedem de se sentir protegidos. Para a maioria dos moradores, os problemas de lixo são diminuídos com o trabalho de algumas instituições que fazem mutirão, mas que estes raramente participam. As ações são consideradas positivas e que favorecem a vida cotidiana, mas reconhecem que pouco fazem para melhorar o ambiente, embora tenham consciência que esses problemas poderiam ser evitados a partir da mudança de comportamento das pessoas e uma eficiente gestão política da cidade. O estudo mostra o quanto a comunidade da orla é carente de processos educativos e de maior empoderamento social no sentido de refletir e atuar de forma mais sustentável seja nos períodos de enchente ou vazantes do rio.

**Palavras-chave:** Enchente; Paisagem Amazônica; Percepção ambiental; Problemas ambientais; Vazante.

## ABSTRACT

The Orla of União neighborhood, a significant part of Parintins-AM, is a prime location for studying the seasonal rhythm of water in the Amazon. This rhythm, evident in the floods and ebbs of rivers, substantially changes people's lives and alters the local ecosystem. The study, conducted with residents of this neighborhood, focused on understanding their experiences and perceptions about these seasonal cycles of the river. The waterfront of União, a postcard and gateway for tourists during the Boi Bumbá festivals, undergoes a dramatic transformation during the flood season. The festive floats gather there, and the place buzzes with the departure of small and medium-sized boats. The social dynamics, movement, and even the trash change with the transition from 'more water' to 'more land' reflects the impact of human interaction on the environment. The study was designed to understand residents' perceptions about the change in the geophysical scenario and socio-environmental practices due to the river's seasonality. It was conducted in two stages. The first stage involved a socio-environmental survey of the physical space using the walkthrough technique. In the second stage, 26 residents (14 men and 12 women) aged 19 to 67 were interviewed. The study's results revealed that seasonal changes are observed and experienced by the community. Despite its disadvantages, such as pollution and noise, the flood period is a time of economic gains and social joy. On the other hand, the low-water period is a time of rest and reflection, marred by the fear of animal invasions and the sight of floating trash. The study also highlighted the residents' awareness of the environmental issues and the need for behavioral changes and efficient political management to address them.

**Keywords:** Flood; Amazon landscape; Environmental perception; Environmental problems; Ebb.

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA</b> .....	14
<b>MÉTODO E TÉCNICAS</b> .....	17
<b>PERFIL DOS PARTICIPANTES</b> .....	18
<b>ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO</b> .....	22
<b>A ORLA DO BAIRRO DA UNIÃO</b> .....	23
<b>Socioespacialidade da orla do bairro da União</b> .....	25
<b>A urbanização da orla</b> .....	27
<b>A espacialidade da orla no período da enchente</b> .....	29
<b>A espacialidade da orla no período da vazante</b> .....	27
<b>A Sociabilidade no espaço da orla</b> .....	31
<b>As moradias da orla</b> .....	32
<b>O RITMO DAS ÁGUAS DO RIO NOS DIFERENTES SABERES</b> .....	36
<b>O fenômeno sazonal do ritmo das águas</b> .....	37
<b>As mudanças socioambientais com o ritmo das águas</b> .....	39
<b>Os ecossistemas amazônicos no senso comum</b> .....	43
<b>PERCEPÇÃO DOS MORADORES SOBRE O RITMO DAS ÁGUAS EM SUA VIDA</b> .....	46
<b>Sobre a enchente</b> .....	48
<b>Aspectos admirados pelo morador da orla no período da enchente</b> .....	50
<b>Aspectos que perturbam o morador da orla no período de enchente</b> .....	52
<b>Sobre a vazante</b> .....	53
<b>Aspectos admirados pelo morador da orla no período de vazante</b> .....	55
<b>Aspectos que perturbam o morador da orla no período da vazante</b> .....	56
<b>A paisagem amazônica no olhar do morador da orla</b> .....	58
<b>Percepção dos moradores sobre problemas ambientais</b> .....	59
<b>A responsabilidade na produção e solução dos problemas ambientais</b> .....	62
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	66
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	69
<b>APÊNDICE 1 -</b> .....	78
<b>APÊNDICE 2 - MINUTA DO TERMO DE SOLICITAÇÃO DA ANUÊNCIA</b> .....	79
<b>APÊNDICE 3 - TCLE</b> .....	80
<b>ANEXO 1- TERMO DE ANUÊNCIA</b> .....	82
<b>ANEXO 2 – CÓPIA DA APROVAÇÃO DO CEP</b> .....	83

## INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

Na Amazônia, o fenômeno do ritmo sazonal das águas, que periodicamente traz as enchentes e as vazantes dos rios, proporciona mudanças substanciais na vida das pessoas e altera o ecossistema local. Ribeiro e Carneiro (2016) ressaltam que a Amazônia é dividida por dois territórios, os de terra firme e a várzea. É na várzea que se observa diretamente o ritmo das águas em seus quatro momentos: a enchente (subida das águas), a cheia (nível máximo das águas), a vazante (descida das águas) e a seca (nível mais baixo das águas) (RIBEIRO; CARNEIRO, 2016). Os recursos hídricos da Amazônia apresentam esses momentos de tempos em tempos, mas o impacto é distinto em cada lugar.

Na capital Manaus, o Rio Negro é represado na enchente pelo Rio Solimões, que se apresenta como barreira hidráulica, e na vazante, se recolhe da mesma forma, deixando à mostra na margem, onde emerge as praias de areias de quartzo (areia branca) e em alguns lugares ao emergirem tem essa forma mais pastosa. Este tipo de lama/argila visto na várzea, logo seca, e se torna espaço de atividades sociais. Não é muito diferente de outras cidades, a não ser na extensão e no impacto deixado, seja na enchente ou na vazante. Nas cidades menores esses momentos sazonais marcam paisagens diferenciadas e funcionalidades distintas para quem vive e mora nas proximidades dos rios (SOUZA V., 2017)

Na Amazônia, o período sazonal é marcado pelo início do processo de descida das águas, (denominado de vazante), e subida (denominada enchente) do rio. Esses períodos sazonais, entretanto, podem variar de ano para ano, calha de rio e local geográfico (SOUZA V., 2017). Essa flutuação anual é decorrente das precipitações na região dos Andes que influenciam o nível das águas nos rios (SILVA S.; NODA, 2016). Há, no entanto, algumas influências provocadas pelos fenômenos El Niño<sup>1</sup> e La Niña<sup>2</sup>, os quais interferem tanto na duração quanto no período das enchentes e vazantes dos rios. Outras ocorrências no ecossistema também atuam nas enchentes e vazantes dos rios.

Os estudos de Fisch et al. (1998), e Lima et al. (2021) têm apontado que o desmatamento causado pelas atividades humanas tem aumentado excessivamente nas últimas décadas, contribuindo para calendários e métricas variantes desse fenômeno. Dessa forma,

---

<sup>1</sup> El Niño: Um aquecimento da superfície do oceano, ou temperaturas acima da média da superfície do mar (SST), no Oceano Pacífico tropical central e oriental. <https://www.climate.gov/news-features/blogs/enso/what-el-ni%C3%B1o%E2%80%93southern-oscillation-enso-nutshell>

<sup>2</sup> Lá Niña: Um resfriamento da superfície do oceano, ou temperaturas abaixo da média da superfície do mar (SST), no Oceano Pacífico tropical central e oriental. <https://www.climate.gov/news-features/blogs/enso/what-el-ni%C3%B1o%E2%80%93southern-oscillation-enso-nutshell>

Soares (2022) destaca que tanto o desmatamento quanto a elevação da temperatura global poderão trazer períodos de seca mais frequentes e mais intensos para a Amazônia. Sobre isso, ela destaca que as comunidades e cidades poderão ser afetadas tanto pelo número elevado de chuva quanto pela ausência dela.

O fato é que esse ritmo das águas afeta a vida das pessoas que dependem do rio ou das áreas próximas das margens, em especial os ribeirinhos (RIBEIRO; CARNEIRO, 2016). O período da enchente traz impactos severos às pessoas que moram nas zonas rurais, tendo muitas vezes essas que se deslocarem de sua moradia para áreas de terra firme por conta da enchente, além de dificultar a pesca, muitas vezes o único recurso proteico disponível para essas pessoas (HIGUCHI et al., 2013). Já no período da vazante, para terem acessos aos outros lugares, enfrentam longos trechos que antes eram navegáveis, mas agora devem ser feitos a pé. Em ambos os momentos sazonais, a população se resigna e procura se adaptar a tais condições, porém, tais períodos têm sido largamente afetados pelo fenômeno da variabilidade climática, impondo a incerteza de como irão ocorrer.

El Kadri e Freitas (2021) destacam que na Amazônia esse ciclo sazonal é tão marcante que acaba afetando não somente a vida das populações que vivem à margem do rio, mas também das que moram em áreas de terra firme e que precisam fazer o escoamento do seu produto agrícola. Da mesma forma, os que vivem em áreas urbanas, sobretudo em áreas próximas aos rios, lagos têm seu cotidiano alterado por conta da sazonalidade da água do rio, pois é necessário fazer novas adaptações nas moradias e ainda colocar pontes de madeira para improvisar a passagem de um local para outro. Normalmente, as áreas próximas às margens dos rios são irregularmente habitadas pelas ocupações irregulares devido ao crescimento populacional e a falta de políticas de planejamento, promovem um cenário devastador, seja na enchente ou na vazante (RIBEIRO; CARNEIRO, 2016). Este cenário trouxe a inquietação presente neste estudo, em particular a orla do bairro da União em Parintins-AM.

A cidade de Parintins é considerada uma cidade ribeirinha da Amazônia e está localizada à margem direita do rio Amazonas no Baixo Amazonas, fazendo limite com o estado do Pará. Trata-se de um território com aproximadamente 96.372 pessoas, com base no último censo do IBGE (2022). De acordo com Figueiredo (2017), a orla do bairro da União é um território misto onde as áreas naturais se completam com o espaço urbano e apresentam uma característica social que é dependente das variações impostas pelos ritmos sazonais das águas. O período de enchente é marcado pelo grande movimento de pessoas que circulam a rua da orla de triciclo, bicicleta e motos. Nesse período, essas áreas funcionam como um espaço de lazer, com serviços de restaurantes, bares e cafés regionais. No rio é possível

avistar lugares como escadarias e flutuantes que servem para atracação de pequenas embarcações, em sua maioria, canoas que circulam nos pequenos comércios, postos de gasolina e flutuantes. No período da vazante, quando o rio fica mais distante das margens, surgem as áreas verdes e muita lama que vai logo secando e se tornando em espaços de lazer, como o campo improvisado de futebol, as brincadeiras de papagaio, bole-bole, queimadas, manja-esconde, manja-pega (FIGUEIREDO, 2017).

Esse estudo se justifica pelo fato de que tenho observado as mudanças neste lugar de acordo com o ritmo das águas, e essas mudanças não apenas modificam a paisagem, mas promovem acontecimentos sociais distintos. Essa mudança de “mais água” para “mais terra” traz consigo rastros que o ser humano deixa a partir de suas atividades sociais. Considerando que a sazonalidade da água dos rios traz inúmeras mudanças não somente para a natureza, mas para o ritmo de vida das pessoas que dependem desse ritmo sazonal, estariam os moradores da orla do bairro da União percebendo essas mudanças tanto no período da enchente quanto na vazante do rio?

A orla do bairro da União é um lugar bastante frequentado por pessoas de vários bairros da cidade, e desde minha infância, fortaleço um vínculo afetivo com este lugar. Essa orla recebe muitos turistas no período da enchente, pois lá se concentram os flutuantes e barcos de pequenos e médios portes e com isso existe uma concentração maior de comércio e de pessoas. Dessa forma, é importante para mim, enquanto pesquisadora, poder dizer o que pensam os moradores desse lugar a respeito da subida e descida das águas.

De acordo com os estudos apontados por Souza N. (2013) o bairro da União existe desde a década de 2000 e sua orla é decorrente de uma ocupação, o que faz com que seja uma área em condição irregular ou não regularizada. No entanto, existem três públicos que convivem lá, as pessoas que só moram, outros que moram e têm algum tipo de comércio, e outro que só tem comércio e mora em outro lugar. Vale destacar que é diferente a forma como essas pessoas presenciam as mudanças sazonais, uma vez que uma das formas tem a ver com o comércio, outra com a vida dele e comércio; e outra só com a vida.

Diante deste impasse, alguns questionamentos estão na origem deste estudo que propus: qual a percepção dos moradores da orla do bairro da União em relação ao ritmo das águas? O que eles pensam sobre os cenários vividos em cada um desses períodos sazonais? O que pensam sobre esse lugar de moradia e de uso público para o turismo e comércio? Teriam eles alguma intenção de ver esse lugar com melhorias ambientais? Para essas pessoas que moram na orla do bairro da União, o ritmo das águas é algo esperado? Esses ritmos sazonais impactam de que forma a vida desses moradores? Ocorre uma apreensão? A apreensão é

porque a água chega na casa deles? É por que tem menos peixe? Por que tem mais lixo? Por que tem mais turista? O que o ritmo sazonal das águas impacta nesse lugar? Na vida das pessoas que ali moram? Viver nesse lugar inclui só morar, morar e ter um trabalho ou só trabalho?

Estes questionamentos foram postos para conduzir o estudo aqui proposto. Espero que este estudo possa contribuir com a proposição de iniciativas que visem a transformação de lugares que, apesar do ritmo natural da descida e subida das águas, as pegadas humanas são visíveis na orla do rio.

A partir desses questionamentos foram elaborados objetivos que nos ajudam a compreender a percepção de moradores da orla do bairro da União de Parintins, sobre os ciclos sazonais do rio Amazonas. O objetivo geral desse estudo foi compreender as percepções dos moradores da “orla do Bairro da União” em Parintins-Am em relação à mudança do cenário geofísico e práticas socioambientais em função da sazonalidade do rio. Os objetivos específicos incluíram-se identificar as mudanças na paisagem na orla do bairro da União tanto na enchente quanto na vazante; analisar a percepção dos moradores sobre mudanças que o ritmo das águas impõe à vida das pessoas nos períodos da enchente e da vazante; e ainda verificar a percepção dos moradores sobre os problemas socioambientais no período sazonal da enchente e vazante. Na perspectiva de conseguir alcançar os objetivos mencionados anteriormente, foram imprescindíveis fazer o uso de métodos e técnicas científicas esses que estarão expostos a seguir.

## **MÉTODO E TÉCNICAS**

O estudo tem abordagem qualitativa com caráter exploratório-descritivo (FLICK, 2009). A pesquisa é um estudo que inclui a descrição completa de um “fenômeno”. Seus procedimentos amostrais são flexíveis com procedência realizados de forma sistematizada e podem ser encontrados tanto em pesquisas qualitativas quanto nas quantitativas (LAKATOS; MARCONI, 2003). A pesquisa teve duas etapas: na primeira foi utilizada a técnica de mapeamento do espaço físico da orla; na segunda etapa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os moradores da orla.

Para o mapeamento físico foi necessário fazer a descrição do meio físico, neste sentido foi produzido os croquis da orla do bairro da União, um no período da enchente e outro croquis no período da vazante, esses contendo elementos fixos que compõem o espaço físico da orla. O mapeamento teve como base a técnica utilizada no estudo de Reis (2020), que

quantifica e qualifica o ambiente físico. A observação do ambiente físico se deu a partir da técnica *walkthrough* (caminhada pelo local). Para a autora, essa técnica de observação tem como base a utilização do espaço físico, esse serve para ajudar a responder as questões relativas à composição de um determinado espaço físico para abrigar o uso social das pessoas nesse lugar.

O roteiro de entrevista semiestruturada foi composto de perguntas abertas sobre os fenômenos sazonais de enchente e vazante do rio na orla do bairro da União. Sobre a entrevista semiestruturada Alves (2007) destaca que mesmo apresentando um rol de perguntas, estas dão ao pesquisador certa flexibilidade (APÊNDICE 1). A entrevista foi um diálogo entre duas pessoas, realizada pela ação voluntária do entrevistador, que visou a construção de informações consideradas pertinentes à pesquisa (MINAYO 2010). A entrevista foi realizada com os moradores maiores de 18 anos e foi gravada com auxílio do gravador de voz do aparelho celular, tendo duração média de 15 minutos.

Para consolidação do roteiro foram realizadas algumas aplicações piloto. Esse procedimento teve como finalidade verificar os pontos que interferem na compreensão dos entrevistados, tempo de duração da entrevista e outros aspectos que poderiam inviabilizar o estudo. Vale ressaltar que a entrevista foi áudio/gravada com a devida autorização dos participantes por meio do TCLE (APÊNDICE 3) e após sua transcrição os dados foram incluídos numa planilha Excel para as análises.

Como se trata de uma pesquisa que envolveu pessoas, foi necessário o consentimento de acordo com as normas previstas nas Resoluções 196/96 (BRASIL, 1996) e 512/2012 (BRASIL, 2012), que determinam as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas com seres humanos. Nesse sentido, a pesquisa foi submetida ao CEP da UFAM (CAAE: 71203123.90000.5020/Parecer: 6.523.641) (ANEXO 2).

## **PERFIL DOS PARTICIPANTES**

Participaram da pesquisa 26 moradores que residem no espaço terrestre, ou seja, pessoas que estão em moradias fixas estabelecidas em sua extensão de 550 metros na orla do bairro da União. Os moradores que residem em casas flutuantes não fazem parte deste estudo pelo fato destes terem uma relação diferenciada com a terra firme, já vistos noutros estudos (TIAGO, 2014; CELUPPI 2020).

Os participantes que foram entrevistados possuem idade acima dos 18 anos e moram há mais de 2 (dois) anos no local, não se fez a distinção de gênero, etnia, religião ou ideologia

social, sendo que participou da entrevista apenas um(a) morador(a) por unidade doméstica. Indivíduos com idade maior que 18 anos, que possuem deficiência visual ou auditiva não participaram, uma vez que este estudo não contempla tais necessidades específicas.

Das 32 moradias da orla, apenas 26 delas foram possíveis entrevistar o (a) morador(a), algumas das residências estavam fechadas e em outras, os moradores se negaram a participar do estudo. Os 26 moradores (14 homens e 12 mulheres) possuíam idade entre 19 a 67 anos. Observa-se que a idade da maioria (58%) dos entrevistados está entre 19 e 38 anos de idade (Tabela 1).

**Tabela 1:** Distribuição dos entrevistados em função da faixa etária

<b>Faixa Etária</b>	<b>%</b>
19 a 28 anos	23
29 a 38 anos	35
39 a 48 anos	19
49 a 58 anos	8
59 a 68 anos	15
<b>Total</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Dados de pesquisa

No que se refere à escolaridade dos participantes, a maioria deles tinha ensino médio completo, com variações entre o ensino fundamental incompleto e o ensino superior, sendo que a maioria (58%) tinha ensino médio (Tabela 2).

**Tabela 2:** Distribuição do nível de escolaridade dos moradores

<b>Nível de escolaridade</b>	<b>%</b>
Ens. Fund. 1º. Ciclo	23
Ens. Fund. 2º. Ciclo	11
Ens. Méd.	58
Ens. Superior	8
<b>Total</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Dados de pesquisa

Estes moradores declararam serem oriundos de várias cidades do Estado do Pará e do Amazonas, mais particularmente das cidades de: Parintins (19), Terra Santa- PA (1), Prainha- PA (1), Juruti Novo- PA (1), Vila Amazônia-AM (1), Manacapuru- AM (1), Manaus-AM (1) e Nhamundá- AM (1).

O tempo de moradia relatado pelos entrevistados variou entre 1 e 8 anos. Dos 26 entrevistados, 5 afirmaram que moram na orla há 8 anos; 3 moradores há 7 anos; 3 moradores há 6 anos; 5 moradores há 5 anos; 5 moradores há 4 anos; 3 moradores há 3 anos; 2 moradores há 1 ano. Os moradores que estão há 8 anos na localidade estão ali desde o início da ocupação desse lugar. Como toda ocupação, os primeiros moradores dificilmente permanecem no lugar, e isto acontece na orla.

Os entrevistados declararam ter ocupações diversas cujas rendas da família advêm dessas únicas atividades. Essas atividades foram organizadas como os microempreendedores; assalariados; agricultores; serviços temporários, e beneficiários sociais. É importante ressaltar que os microempreendedores correspondem 50% dos entrevistados; 7% são os assalariados; 4% são os agricultores; 8% são os que prestam serviços temporários; 31% são os que vivem dos benefícios sociais do governo.

A percepção de renda dos moradores mostra que a maioria (69%) considera que seus ganhos mensais são mínimos, que não dá para suprir as necessidades pessoais; 23% consideram como renda média, que dá para pagar as contas e sobra um pouco para compras pessoais; e 8% consideram renda alta, que dá para pagar as contas e sobra para viagem em família, para o lazer aos domingos e feriados.

As unidades domésticas em que vivem estes moradores possuem densidades diferentes, sendo que a maioria (42%) dos moradores moram em casas com 5 pessoas (Tabela 3).

**Tabela 3:** Distribuição dos moradores em função do número de pessoas na mesma unidade doméstica

Número de pessoas	%
2 – 3	26
4 – 5	42
6 – 7	24
8	8
<b>Total</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Dados de Pesquisa

Em síntese a maioria dos entrevistados considera ter ganho mensal mínimo, que não dá para suprir todas as necessidades pessoais, moram em casa com mais de cinco pessoas, possuem pouca escolaridade e atuam no mercado informal com ocupações de pouca especialidade técnica, sendo atividades de serviços gerais que geram baixa renda familiar.

A procedência dos moradores da orla do bairro da União é em sua maioria (73%) de Parintins. Esses moradores vieram morar na orla por vários motivos. Alguns destacaram que

(38%) vieram porque compraram os terrenos; 23% adquiriu o terreno por ocupação; 11% se estabeleceu por aluguel; 12% morava com um familiar; 8% teve o terreno cedido por outra pessoa; 8% teve o terreno ganho, e 4 % foi convidado para morar por um familiar na orla. Esses dados demonstram que mais da metade dos que moram na orla não tinham onde morar. Mesmo não havendo titulação definitiva de posse, 38% desses moradores dizem ter comprado um pedaço de terra.

Segundo comentário de alguns moradores, viver na orla consiste em dois momentos, um período “bom” e outro “ruim”. Os moradores destacaram que o período bom é na época da enchente, pois nesse período a orla fica muito movimentada, há mais oportunidades de trabalho e maior geração de renda tanto para os donos de comércio quanto para os trabalhadores temporários. Em contrapartida, o período da vazante é considerado ruim, pois nele acontece o oposto da enchente. Alguns moradores disseram ainda que viver na orla é legal, porque não tem perigo; a vivência é muito tranquila, além de ter uma paisagem vivaz na enchente e na vazante.

Ainda, de modo geral os moradores dizem que viver na orla parece uma vida no campo, boa paisagem, os movimentos de barcos, canoas e pessoas. Outros destacaram que é ótimo no sentido de que elas moram de frente para o rio e podem apreciar a paisagem e sentir a brisa do vento mais forte no período da enchente. Porém, reconhecem que falta organizar muita coisa na orla, como a questão do lixo, da energia, da água e a questão dos títulos dos terrenos.

Apesar de a maioria (62%) estar satisfeita em morar na orla, os demais 38% moradores manifestaram que se tivessem oportunidade mudariam da orla para outro lugar. Entre os que desejam mudar, a preferência seria outra cidade (Manaus com 15%; Terra Santa 8%), outros bairros (Palmares 4%; Centro 4% e as áreas próximas da orla foram 42%) e ir para o interior, viver numa comunidade rural (8%). Os demais 8% disseram que não teriam um lugar em mente. Para 70% dos que manifestaram o desejo de mudar da orla, o motivo seria a questão do trabalho, para ter maiores oportunidades. Os demais 30% mudariam por questões familiares, ou seja, o desejo de voltar para perto de parentes. Os que expressaram o desejo de voltar a morar próximo aos familiares, e de continuar na orla dizem que já estão habituados com a vida ali; que ali tem “tranquilidade para relaxar” e ter “contato com natureza”, porque tem “moradia própria” e porque é um lugar “perto de tudo”.

Esta dissertação, portanto, é a voz destes moradores que moram e vivem na orla, que expressam sentimentos de apego ao lugar ou aversão pelas dificuldades cotidianas.

## **ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO**

Essa dissertação está organizada em três capítulos que remetem aos objetivos propostos na pesquisa. No capítulo 1 faz-se um breve histórico da orla do bairro da União, sua configuração física e localização geográfica está representado nos croquis do espaço físico na orla do bairro da União, no período de enchente e vazante.

O capítulo 2 está relacionado aos aspectos de enchente e vazante na Amazônia. Aqui se destaca o referencial teórico sobre as mudanças sazonais da água na Amazônia; como mudanças na paisagem da orla do bairro da União.

O terceiro capítulo apresenta a percepção dos moradores sobre mudanças que o ritmo das águas impõe à vida das pessoas nos períodos da enchente e da vazante, bem como a percepção sobre os problemas socioambientais no período sazonal da enchente e vazante.

Por fim uma seção com as considerações finais fecha a discussão mais ampla sobre as implicações deste estudo tendo os resultados como um indício dos aspectos socioambientais na sustentabilidade da Amazônia.

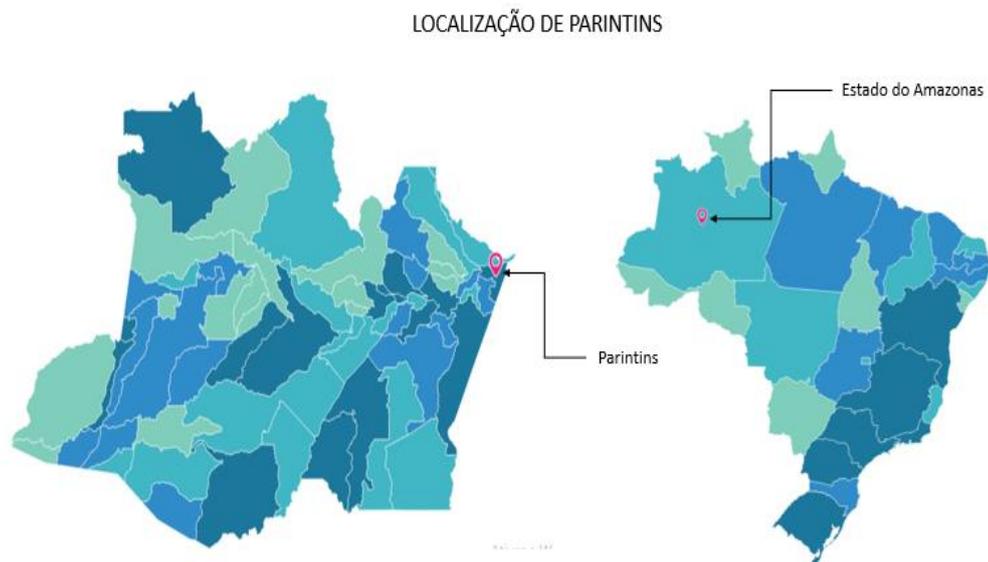
## CAPÍTULO 1

### A ORLA DO BAIRRO DA UNIÃO

Este capítulo abordará um breve relato sobre a cidade de Parintins-AM e a orla do bairro da União, local onde foi realizada a pesquisa. É importante apresentar um pouco da cidade para que desse modo se possa compreender a localização e características do lócus da pesquisa que é orla do bairro da União.

De acordo com o último censo do IBGE (2022), Parintins é a terceira cidade mais populosa do interior do Estado do Amazonas com aproximadamente 96.372 habitantes. A cidade possui um território com (valor) 5.956,047 km. Também chamada de ilha de Parintins, por conta que nessa ilha habitavam os povos indígenas Parintintins (NOGUEIRA, 2018). Localiza-se muito próximo do Estado do Pará (Figura 1).

**Figura 1:** Localização de Parintins-AM



Fonte: IBGE, 2023 (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/parintins/panorama>)

A cidade de Parintins é carinhosamente chamada de ilha da magia por conta das festividades que acontecem anualmente no mês de junho. Vale destacar em especial a da festa do boi-bumbá Caprichoso e Garantido que há dezenas de anos são adversários culturais em suas canções e apresentações no Bumbódromo, hoje um ponto turístico internacional. Em junho essa ilha fica um pouco mais calorosa não somente por conta do calor amazônico, mas

por conta dos milhares de turistas que visitam a ilha Parintins. Esse é um período que não é somente aguardado pelos Parintinenses, mas por todos aqueles que gostam do festival folclórico. No mês de junho os Parintinenses fazem questão de deixar claro a admiração pelo boi de pano, ou seja, as cores que predominam nas roupas e acessórios são as cores nos tons azuis e branco (Caprichoso); Vermelho e branca (garantido).

A festa no mês de junho não poderia ser melhor se não existisse a culinária regional como o tradicional café feito com produtos regionais (banana, tucumã, queijo, tapioca, crueira macaxeira, cará, entres outros). No almoço ou no jantar os quitutes amazonenses são orgulho da cozinha tupinambarana, onde se destacam principalmente os peixes: bodó assado no tucupi; a caldeirada de tucunaré e o tambaqui assado na brasa. Já no final da tarde o tacacá reúne os apaixonados pela iguaria que tentam apresentar aos turistas para que provem e gostem tanto quanto os locais.

As pessoas que visitam Parintins podem desfrutar de alguns lugares de lazer como os flutuantes, os píeres que estão localizados na orla da cidade e ainda podem conhecer a cidade dando voltas de triciclo nos principais pontos turísticos como o curral<sup>3</sup> Zeca Xibelão (Caprichoso) localizado no centro; o curral Lindolfo Monteverde (Garantido) localizado na baixa da Xanda. A catedral de Nossa Senhora do Carmo, a santa padroeira da cidade; o bumbódromo, local onde acontecem as festas dos bois e a orla da cidade são pontos de atração onde é possível avistar um maravilhoso pôr do sol e desfrutar da paisagem amazônica.

A cidade possui um aeroporto (Júlio Belém), mas é a via fluvial que se torna o ponto principal de chegada e partida dos moradores e da grande maioria dos visitantes (SOUZA V., 2017). Nessa dinâmica acontecem as trocas de experiências que envolvem a vida de quem mora na beira do rio, aqui representados pelos moradores da orla do bairro da União, localizada na cidade de Parintins-AM.

A cidade de Parintins se completa com o lugar da orla. Nessa perspectiva, é importante ressaltar que tanto o lugar quanto a cidade possuem natureza distinta. Os interiores da cidade são inúmeros lugares e esses podem possuir especificidades que estão marcadas pela identidade das pessoas que ali vivem, sejam de forma individual ou em grupos, com isso tanto a cidade quanto os lugares são feitos de histórias e de conceitos (FERRARA, 1988; HISSA, 2008).

---

<sup>3</sup> Curral é o termo dado aos pavilhões onde os grupos de cada boi-bumbá se apresentam e fazem festas que antecedem o dia do confronto no Bumbódromo.

## Socioespacialidade da orla do bairro da União

A orla do bairro da União é considerada um lugar especial para muitos moradores, pois está relacionada à vida e experiências das pessoas e permanência delas nesse ambiente, o que conduz à construção de vínculos afetivos com o lugar. Os lugares íntimos são aqueles onde se pode encontrar afeto, onde nossas necessidades são consideradas importantes e merecem a devida atenção sem que precise causar barulho (TUAN, 1930).

A orla do bairro da União é um lugar com paisagens diferentes tanto em período de enchente quanto na vazante, pois a sazonalidade da água do rio, traz consigo mudanças, exemplos disso são as belezas naturais como o rio e a floresta que é um atrativo tanto para morador quanto para o turista. A Figura 2 retrata a paisagem da orla no período da enchente.

**Figura 2:** Orla do bairro da União no período da enchente



**Foto:** Autora, 2023.

Essa orla se caracteriza como uma área mista porque é composta por rio, floresta e pelo espaço urbano. É nesse ponto que este estudo foi realizado, num perímetro de aproximadamente 550 metros de extensão (área em linha amarela, figura 4). A Orla se localiza ao Norte do bairro da União, tendo como limite ao Leste a ocupação do Castanhal (área em linha verde), que é um lugar com área de preservação das castanheiras, no entanto algumas pessoas já ocuparam esse território e construíram morádias. O limite Oeste faz divisa

com o bairro do Paulo Corrêa (área em linhas azul). A área em linha laranja corresponde aproximadamente à orla do bairro da União (Figura 3).

**Figura 3:** Orla do bairro da União



Fonte: Google Earth, 2023. ([https://earth.google.com/web/search/Parintins,+AM/@-2.64350744,-56.73210885,11.5057455a,741.80347125d,35y,-153.42935408h,0t,0r/data=CigiJgokCbeFOG7QsgfAEeCP1o5t6AfAGfyiRtTHAE7AISc\\_sazCB07A](https://earth.google.com/web/search/Parintins,+AM/@-2.64350744,-56.73210885,11.5057455a,741.80347125d,35y,-153.42935408h,0t,0r/data=CigiJgokCbeFOG7QsgfAEeCP1o5t6AfAGfyiRtTHAE7AISc_sazCB07A))

### A urbanização da orla

A rua da orla é toda asfaltada, com meio fio e calçada de concreto, é relativamente limpa e não tem buracos, exceto as calçadas que possuem rachaduras. As únicas lixeiras disponíveis na rua são de uso particular dos moradores. Na extensão da orla não tem lixeira de uso coletivo, no entanto, o carro coletor do lixo passa por ali 3 vezes por semana. Não é possível avistar lixo na rua da orla, mas próximo à margem do rio, os resíduos são visíveis. Ali flutuam sacolas de plástico, garrafas pet, garrafas de vidro, pedaços de madeira, caixas de papelão e outros materiais.

A orla, porém, não é só comércio, ela é porta de entrada das pessoas que vem do interior próximo de Parintins, nela se apresentam especificidades, como os flutuantes e as escadarias que as pessoas utilizam para banhar-se nas tardes ensolaradas. O calçadão utilizado para quem gosta de caminhar ao ar livre é bastante movimentado e na margem do rio os moradores aproveitam o espaço para pescar no período da enchente. Cada morador vivencia esse momento de modo particular. Embora a enchente traga esse movimento na orla, para alguns moradores há um estranhamento em acolher os visitantes que chegam ávidos por

conhecer e acabam trazendo certo transtorno para a sua vida bucólica. Para outros, há um orgulho em mostrar o que tem de bom na orla, como a vista para rio; a movimentação de barcos em todo instante; o pôr do sol, a possibilidade de comprar o peixe vivo antes do preparo; de sentar e sentir a brisa do vento, de poder respirar e sentir o cheiro de rio e floresta e ainda ver e ouvir o cantar dos pássaros porque ali na orla tudo parece ter mais vida.

Salvo algum conhecimento, não existe nada documentado sobre o histórico desse lugar, mas, com base no relato dos moradores, essa orla existe há aproximadamente oito anos. Embora o bairro da União tenha mais de uma década, a ocupação da orla é mais recente. Os moradores que ali residem desde o início narraram que essa orla surgiu junto com o bairro da União, no entanto, foram retiradas as pessoas que ali moravam, e depois de alguns anos, outras pessoas voltaram a ocupar e permanecem no lugar. O poder público apenas diz que é irregular, mas nenhuma ação judicial tem sido levada adiante, e os moradores vão ficando e criando raízes no lugar.

### **A espacialidade da orla no período da enchente**

No período da enchente essa paisagem ganha formas específicas, o verde se completa com a água então é possível ver um movimento das pequenas embarcações (barcos, canoas e bajaranas<sup>4</sup>). Com isso a orla ganha mais movimentação de pessoas, pois ali passa a ser o ponto de acesso para quem vai e vem dos interiores próximos de Parintins

O espaço da orla em período de enchente é composto pela presença do lago, algumas embarcações como barcos, canoas e lanchas. Os flutuantes alguns funcionam com área de atracação para os barcos, outros são pontos de comercialização, funcionando como bares ou restaurantes.

O espaço da orla em período de enchente recebe uma movimentação grande de barcos por conta do rio que traz a facilidade em tempos de enchente. A natureza que compõe esse espaço se completa com a movimento das pessoas, mesmo em tempo de enchente existe a presença de áreas verdes seja no espaço terrestre, ou em áreas próximas do lago, o cenário ainda destaca dois tipos de moradias as casas com o telhado pintado na cor vermelha que possui janelas e portas são as residências que não possuem nem tipo de comércio, já as residências com o telhado pintado na cor azul destacam os tipos de moradias que possuem pequenos comércios na orla. A figura 4 apresenta os croquis do lugar no período da enchente.

---

<sup>4</sup> Tipo de canoa feita com material de alumínio, geralmente utilizada para transportar pessoas da cidade para interior ou para pescar.

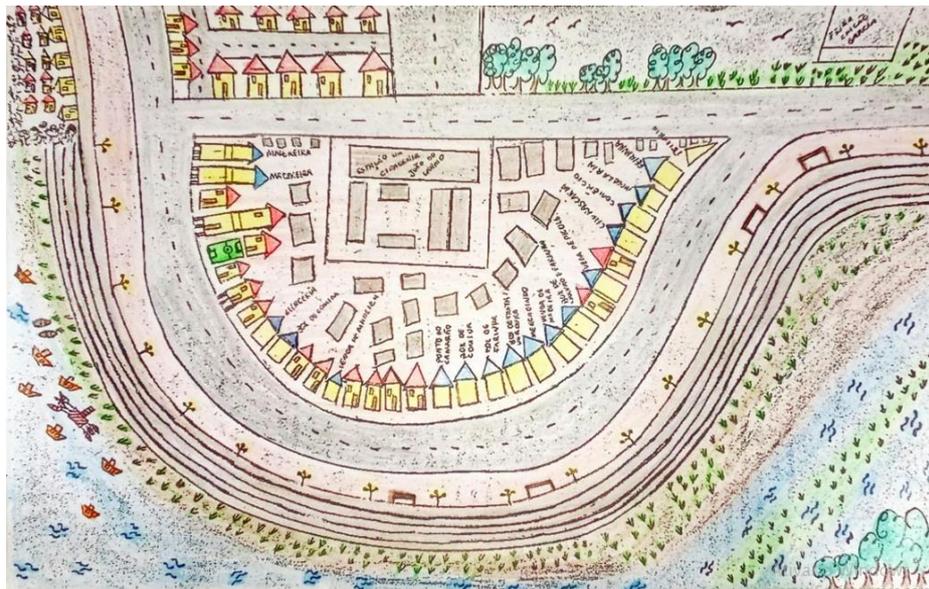


A enchente é o período mais aguardado pelas pessoas que possuem algum tipo de comércio na orla, pois é nesse período que aumenta o fluxo de embarcações que movimentam a área desde as primeiras horas da manhã, se estendendo até o final do dia.

### A espacialidade da orla no período da vazante

No período da vazante esse lugar muda completamente, mas não perde o sentido do belo que muda dia após dia. Enquanto o nível da água vai baixando é possível avistar o verde que surge ou que estava encoberto pela água; ou se pode avistar uma mistura de terra mais água (lama) que aos poucos vai tomando conta do lugar. Com isso os barcos, os flutuantes, as canoas e bajaranas vão mudando de posição com a descida da água (Figura 6).

**Figura 6:** Croquis da orla no período da vazante



**Fonte:** Dados de pesquisa, 2023.

Nesse cenário é possível verificar que no período da vazante as embarcações que ficavam localizadas na parte mais central dessa orla, se movimentam em direção à parte que ainda resta água em mais profundidade. Assim, a área central da orla fica menos movimentada e os barcos ficam distantes das moradias. É um período considerado pelos moradores da orla como “deserto”, porque não tem embarcações, não tem gritaria de quem chega e de quem sai. Nessa calma sazonal, as pessoas se recolhem mais cedo e acordam mais tarde. Para compreendermos o que seria o deserto na percepção dos moradores a (Figura 7) apresenta a percepção do deserto no período da vazante.

**Figura 7:** Orla no período da vazante



**Foto:** Autora, 2023.

Na vazante é possível enxergar pequenos córregos de água e muita lama, mas aos poucos a terra parece ficar mais verde e com isso o espaço da orla da União recebe a presença dos animais (bois, cavalos) que vêm das fazendas mais próximas, pois o nível de água fica muito baixo e os animais podem atravessar. Não somente os animais, mas também as pessoas se adaptam a esse cenário como se pode verificar na Figura 8.

**Figura 8:** Orla no período da vazante



**Foto:** Autora, 2023.

Ali se cria uma superfície enxuta, algumas partes com areia e outras com barro endurecido que favorecem a travessia das pessoas para o outro lado a pé, de triciclo, ou moto e até de carro. Nesse período surge também o campo de futebol improvisado pelos jovens moradores da orla e moradores que residem próximo.

Nesta mudança sazonal, a orla vive as transformações esperadas de tempos em tempos, que ora agradam, ora desagradam, mas ali a vida continua com o que é possível seguir com o ritmo das águas.

### **A sociabilidade no espaço da orla**

A orla é um espaço social contínuo no primeiro olhar do passageiro de fora. Entretanto, para as pessoas que ali residem é um conjunto de espaços de uso social com características peculiares. Aqui vamos nos manter num olhar de quem lá não mora e percebe esse espaço de uma maneira a compartilhar com o leitor. Aqui não se quer dizer que a percepção do próprio morador não seja importante, muito pelo contrário, no entanto, o objetivo desta seção é fazer uma fotografia do local sobre o qual as percepções do ritmo das águas formam e organizam o cotidiano desses moradores. Agrupamos nossa observação a partir dos tipos de equipamentos e aparatos urbanos, das edificações, das vias de acesso e mobilidade para veículos e pedestres, aspectos de saneamento e tipos de plantas/árvores presentes, e tipos de animais em errância no local.

Nestes espaços físicos há uma sociabilidade que caracteriza esse ambiente ribeirinho.

**Espaços de lazer:** nossa observação nos conduziu a delimitar espaços onde os moradores desenvolvem algumas atividades de entretenimento e ali têm diversão evidente para quem os vê:

- a) O campo de futebol – este é um espaço de práticas de atividades físicas e descontração. Todavia o campo é na terra e só aparece na vazante, quando a água desce e cede o lugar. Ali os grupinhos se encontram e disputam partidas de futebol com grande entusiasmo, muitas vezes com uma plateia que vibra com as jogadas, com o gol ou xinga o jogador que não está tão empenhado.
- b) Os flutuantes – quando a enchente está em seu limite máximo, é nestes lugares que os moradores se encontram num vai-e-vem animado com outros que passam ou ali vendem algum produto, com brincadeiras de corpo a corpo ou piadas e jogos de dominó.

- c) As escadarias – apesar de ser um lugar de passagem, ou como diz Fischer (1994), um lugar intersticial, os moradores ali se sentam, puxam conversas com o passageiro ou com outros colegas. Não é raro se ver duplas ali pescando e outros dando saltos no rio e nadando sem pressa.
- d) O lago – por si só é um amplo espaço de entretenimento dos moradores e todos que ali estejam atracados ou esperam pela saída do barco. Apreciar a natureza, pescar e passear nos barcos é uma rotina, mesmo que o morador pouco saia dali.
- e) As pontes de madeira - em período de enchente são pontos de encontro para mergulho, principalmente dos adultos e de crianças.

**Meios de transporte:** os moradores se locomovem sem cessar utilizando tanto (transporte fluvial e terrestre)

- a) Transportes fluviais - as canoas feitas de madeira; botes que se chama de voadeira; as bajaranas, barcos de todos os portes e lanchas ali transitam num emaranhado difícil de saber quais são as regras de trânsito. Todavia esses veículos são vistos em maior quantidade na enchente, já na vazante poucos deles chegam próximo à orla.
- b) Os transportes terrestres- as bicicletas, os triciclos, as motos e os carros são elementos encontrados tanto no período de enchente como na vazante, mas vale ressaltar que no período da cheia esse fluxo é maior por conta número de pessoas que visitam a orla.

**Animais:** muitos animais domésticos (cães e gatos) circulam e vivem na errância nas vias públicas que são alimentados e/ ou criados pelos moradores. Outros animais silvestres são vistos com frequência (jacarés, cobras e aves).

### **As moradias da orla**

Os tipos de construção presente nesse espaço são caracterizados pela simplicidade e rusticidade. As casas, que mais parecem tabernas (pequenos comércios), são construções feitas em madeira; outras são mistas, pois possuem em sua estrutura metade tijolo e outra metade madeira, outras só construídas com tijolos e algum concreto.

De modo geral, as moradias da orla são cobertas com telha galvanizada (zinco) ou de fibrocimento (Figura 9).

**Figura 9:** Tipos de moradias da orla**Foto:** Autora, 2023.

Vários tipos de moradias simples e de pequeno porte compõem o espaço da orla de terra-firme: a) casa de madeira com telha; b) casa mista-casa que metade é alvenaria e outra metade feita de madeira; casa de alvenaria; casa feita somente com tijolos e coberta com telha galvanizada (zinco) ou de fibrocimento. Sobre as águas, na margem do lago estão sediadas as casas flutuantes feitas de madeira sobre grandes toras de árvore que permanecem nas margens do rio no período de enchente. Há ainda as casas palafitas, que possuem assoalho suspenso, e ficam num espaço intersticial de terra e água.

O comércio local se instala quase que amalgamado com as residências. São pequenos comércios de produtos de primeira necessidade, as feiras de pescados, bancas de frutas, de plantas medicinais, pescados e cereais, existe ainda outros tipos de comércio como os bares, comidas regionais (café da manhã, almoço, lanches), que se localizam tanto na área terrestre como aquática (flutuantes).

Os terrenos onde estão situadas as casas são pequenos, parecendo umas coladas nas outras. Em alguns casos o dono separa o terreno improvisando uma cerca ou muro. Quando há vizinhos parentes, é comum não haver divisórias de terreno, sendo que o quintal fica aberto para convivência familiar. É comum também ter mais de uma casa num mesmo terreno. Internamente, foi possível observar que algumas dessas moradias possuíam divisões entre o

quarto e cozinha; outras entre quarto, sala e cozinha, e outras todas em único compartimento. De modo geral, todas as unidades domésticas da orla têm energia elétrica e água encanada. No entanto, é bastante frequente a falta de energia e de água (Figura 10).

**Figura 10:** Aglomeração de moradias num mesmo terreno



**Foto:** Autora, 2023.

Como se observa na Figura 10, no fundo de algumas residências está um prédio público com vários serviços para a população local e da cidade: a Estação da Cidadania João do Carmo, um complexo com ginásio poliesportivo, biblioteca, cinema; um Centro de referência da Assistência Social (CRAS) e uma área de convivência com academia ao ar livre.

A arborização não é intensa, mas se observa aqui e acolá árvores de médio e grande porte, palmeiras, grama, arbustos e plantas aquáticas.

a) as palmeiras se encontram mais nas áreas baixas. Ali permanecem inclusive no período de enchente, quando estão parcialmente na água.

b) as árvores frutíferas de grande porte, como as castanheiras, e outras árvores florestais de médio e grande porte estão em menor número nas margens do rio.

c) a grama está em toda extensão da orla, mas no período da enchente, fica submersa, voltando a crescer com vigor na vazante e formando um lindo tapete verde que é usado como campo de futebol e lugar de pasto para o gado.

d) os arbustos são corriqueiros nas margens e próxima das residências, junto com plantas medicinais.

f) plantas aquáticas que flutuam e serpenteiam sobre a água no ritmo das ondas formadas pelo movimento causado pelas embarcações.

É nesse ambiente que os moradores convivem com a espacialidade do rio, da água, da terra, e da várzea. Fazem seu dia a dia convivendo com os transeuntes, os comerciantes, os pescadores, turistas e gente de todo lugar que adentram a ilha de Parintins. Moram e vivem diante do ritmo das águas, cuja sazonalidade preenche o imaginário e dita como será seu dia a dia.

## CAPÍTULO 2

### O RITMO DAS ÁGUAS DO RIO NOS DIFERENTES SABERES

O fenômeno sazonal do ritmo das águas é um acontecimento próprio do ecossistema amazônico que vem sendo objeto de estudo científico em várias frentes das ciências ambientais (GUIMARÃES, 2022; GUEDES et al., 2005; RIBEIRO; CARNEIRO, 2016). No entanto, esse fenômeno também é compreendido por um saber comum, um saber construído pelas vivências e pelas trocas geracionais. Ambos os saberes são importantes e se complementam, mesmo que em muitas situações estes saberes andem paralelos e frequentemente se choquem. Uma boa quantidade de pensadores e pesquisadores vêm alertando para que estes saberes sejam complementares.

A interdisciplinaridade é uma perspectiva teórico-metodológica que pode impulsionar a compreensão mais completa de nosso ecossistema e de como podemos nos beneficiar com essa junção (ARAÚJO et al., 2017).

O saber científico nos apresenta um compêndio que busca a compreensão do ritmo das águas em suas dimensões física e hidrogeológica partindo de métodos centrados nos objetos e eventos do ecossistema.

O saber comum, por outro lado, é produzido pelas pessoas, pelas trocas uns com os outros, pelas vivências espontâneas e compartilhadas com os que os antecederam. Nesse trajeto, as pessoas formam seu conhecimento subjetivo da realidade. Essa dimensão subjetiva pode ser acessada pelas narrativas produzidas pelas pessoas. Nesse sentido, as Percepções Ambientais mostram uma perspectiva bastante utilizada e que traz a possibilidade de desvendar o entendimento das pessoas em seu cotidiano e que de alguma forma está subjacente em suas práticas cotidianas na relação com o rio.

Neste capítulo apresenta-se esses saberes, sendo que a primeira seção trata do conhecimento científico próprio dessa sazonalidade vivida na Amazônia. Aqui se fundamenta a dinâmica ecossistêmica que provoca o fenômeno das enchentes e vazantes dos rios amazônicos. Além disso, se apresenta um cenário social que está vinculado a essa sazonalidade.

Na segunda seção, as percepções ambientais são discutidas como uma forma de investigação para que se entenda como esse fenômeno ecossistêmico é introjetado pelas pessoas.

## **O fenômeno sazonal do ritmo das águas**

A água é considerada um dos fatores mais importante na Amazônia, ocupando um espaço considerável na região, seja como elemento biofísico ou social. A água está presente em todos os organismos vivos e circula incessantemente entre a atmosfera, litosfera, biosfera e hidrosfera. O ciclo hidrológico é um fenômeno planetário de circulação da água entre a superfície terrestre e a atmosfera. O tempo e a quantidade em cada um desses reservatórios são dependentes de uma série de variáveis ambientais (MARENGO, 2008). A hidrosfera Amazônica é um ecossistema por si só grandioso e crucial para a vida dos organismos e manutenção do ecossistema regional. Possui uma característica própria em sua dinâmica, que inclui ritmos de chuvas e ritmos das águas dos recursos hídricos muito peculiares, os quais definem o clima e as condições de vida amazônica (SIOLI, 1951).

Os rios da Amazônia, em particular, são marcados por um fenômeno natural que dita o ritmo das águas, em quatro ciclos ou estações: enchente, cheia, vazante e seca. (EL KADRI; FREITAS, 2021). Esse fenômeno afeta sobremaneira os espaços territoriais de várzea, mas também os de terra firme, seja na cidade ou nas comunidades ribeirinhas (RIBEIRO; CARNEIRO 2016). Contudo, é na várzea que ocorrem os maiores impactos dos ritmos das águas, ditando a vida das pessoas e a condição dos animais e a mudança da vegetação (PEREIRA, 2007).

Várzea pode ser entendida como um território em si, ou produto do ritmo das águas nos períodos da vazante – época em que o rio apresenta o menor volume de águas. Em outras palavras, são as planícies ou áreas inundáveis no período de grandes enchentes (SOUZA F., 2022). A enchente se configura como o transbordamento do rio que provoca inundação das terras marginais. Nas terras de várzea, durante o ciclo anual, ocorrem todas os movimentos das águas (enchente, vazante, cheia e seca), porém, na terra firme, o ciclo anual se caracteriza pelas mudanças de estação entre o período chuvoso e o período de chuvas esparsas (ALBUQUERQUE, 2016).

Pereira (2007) destaca que devido à variabilidade climática e hidrográfica, as cheias e vazantes e a amplitude média do nível dos rios variam consideravelmente entre as regiões do alto, médio e baixo Amazonas trazendo mudanças no devir das águas. Desse modo, o ano é vivenciado de acordo com ciclos sazonais diferenciados pela presença ou ausência de chuvas, ou subida e descida das águas.

De acordo com os estudos apontados por Pereira (2007), no ecossistema de várzea existe um tempo correspondente para as estações do clima, que consiste num calendário anual

ditado pelo ritmo das águas, ou seja, enchente ou vazante dos rios. A enchente é o período em que o nível de água sobe; a cheia é o período em que esse nível chega ao máximo; a vazante é o período que o nível das águas do rio se retrai, e a seca é o período em que há o nível extremo de baixa de água nos rios.

Stoll (2019) enfatiza que tanto os ritmos quanto os movimentos, fazem parte de dois elementos na estrutura do ecossistema, configurando as “paisagens evanescentes”, aquela paisagem se desfaz após cada mudança entre enchente e vazante. A priori pode-se enfatizar que o ritmo das águas possui elementos característicos, pois há uma troca entre pessoas e a natureza, de tal forma que a mudança de um altera o outro (MENIN, 2021).

Essa dinâmica na Amazônia possui períodos diferenciados ao longo dos rios. Segundo Pereira (2007), nos meses de maio a julho acontece a cheia, período em que parte das áreas de cultivo é invadida pelas águas, nos meses de agosto à outubro acontece o período da seca. No entanto, outros autores salientam que existem variações nesse calendário anual dentro da própria Amazônia, que depende da calha do rio em questão (QUEIROZ; NETO TOMAZ, 2019). Esses autores afirmam que no rio Solimões o mês de dezembro e abril corresponde à enchente; a cheia ocorre nos meses de maio e julho e os meses de agosto e novembro correspondem à vazante dos rios. As mudanças sazonais no rio Negro, ocorrem nos meses de janeiro a março quando, acontece o processo de enchente de forma mais intensa. Já no mês de abril há uma estabilização e no mês de maio se inicia a cheia.

No entanto, essas variações sazonais mostram que os rios assumem ritmos de subida e descida que variam de acordo com a região e com fenômenos como o El Niño e La Niña. Estes fenômenos climáticos atípicos têm modificado os tradicionais calendários sazonais das águas e mudado negativamente a vida das pessoas, seja em suas atividades extrativistas ou agroflorestais (SERUDO, 2022). Tais calendários, no entanto, vêm sendo modificados em função de algumas variáveis. Uma delas tem sido devido aos efeitos do desmatamento (FISCH et al., 1998). Já se sabe que as atividades humanas são responsáveis por grande parte desse desequilíbrio ambiental, chamado mudança climática provocada pelo uso de combustíveis fósseis na era industrial.

Na dinâmica dos recursos hídricos amazônicos a mudança climática atua diretamente nos períodos sazonais, por meio de fenômenos como o La Niña e El Niño (SOARES, 2022). Os fenômenos El Niño e La Niña são caracterizados por fases climáticas quentes e frias tais ações acontecem periodicamente na região do Pacífico tropical.

O El Niño refere-se à oscilação Sul ou ainda de forma abreviada ENSO, seu padrão muda para frente e para trás, isso acontece de forma regular e num período de dois a sete

anos. No entanto, é importante ressaltar que essas ações são previsíveis de modo que a temperatura do oceano com relação aos ventos e chuvas vão obstruindo os padrões, que resultam nos efeitos globais (<https://www.climate.gov/enso>, 2022). O fenômeno La Niña, por sua vez, ajuda a fortalecer a circulação atmosférica considerada normal em todo o oceano pacífico tropical. No entanto, seu efeito é sentido na área de alta pressão no nordeste do pacífico, essa pressão altera o fluxo de tempestades ao se aproximar do oeste do Estados Unidos, deste modo beneficiando invernos úmidos no Noroeste e invernos secos na parte Sul (<https://www.climate.gov/enso>, 2022).

No Brasil, o El Niño/Oscilação Sul (ENOS), é resultado do aquecimento irregular das águas do “Oceano Pacífico equatorial”, cujos efeitos são a precipitação de chuvas nas regiões norte, nordeste e sul e ainda influencia nas temperaturas na região sudeste (SANTOS, et al., 2016). Na Amazônia, os fenômenos El Niño e La Niña são observados com as seguintes características: El Niño é marcado por um período de grande seca enquanto La Niña é marcado pelo número elevado de chuvas, o que possibilita grandes inundações na região Amazônica. (SOARES, 2022).

O ritmo das águas amazônicas é ainda fortemente marcado pelo desmatamento e queimadas da floresta (FISCH et al., 1998, SILVA S.; NODA, 2016). Tais práticas têm ganhado muita visibilidade do público e as lideranças políticas, pois geram gases de efeitos estufa, cujas concentrações exorbitantes determinaram o aquecimento global (FEARNSIDE, 2020; IPCC, 2007; <https://unfccc.int/resource/docs/convkp/conveng.pdf>). Nesse sentido, é necessário compreender que essas medidas ajudam a prevenir ameaças à floresta amazônica que interferem não apenas no equilíbrio da biosfera e hidrosfera amazônica, mas também nos processos socioculturais das populações residentes.

Conclui-se, portanto, que o ritmo das águas também é ditado pela ação humana em sua relação com a natureza, que altera uma dinâmica ambiental trazendo incerteza e riscos para toda a sociedade humana e equilíbrio ambiental. Sobre esses fenômenos sazonais discorre-se a seguir como acontece essas mudanças sazonais na Amazônia e que mudanças se apresentam na natureza e no modo de vida das pessoas.

### **As mudanças socioambientais com o ritmo das águas**

A paisagem física na Amazônia é bastante apreciada pela sua imensidão e exuberância da floresta e dos rios. Tal atrativo de contemplação está presente para os moradores locais quanto para os visitantes de outros lugares do mundo. Em Parintins, a paisagem local,

sobretudo no período da enchente, passa por muitas transformações. Como a cidade possui várias áreas com cursos de água, estes alteram a paisagem em períodos de grandes vazantes. Logo, os espaços precisam passar por adaptações, pois as ruas transformam-se em vias aquáticas e os transportes terrestres dão lugar aos fluviais, pois os espaços precisam passar por adaptações, as ruas que antes era uma via terrestre, agora passa ser uma via aquática com pontes improvisadas e com pequenas embarcações do tipo canoa ou bajara.

Para Beltrão (2011), a paisagem pode ser identificada a partir de percepção não formal, todavia ela também pode ser compreendida de maneira formal, por meio de seleções e organizações. Beltrão (2021) adverte que o modo de ver uma paisagem está na forma harmoniosa com que observamos o mundo externo. Nesse sentido, pode-se compreender que a natureza tem seus encantos, por isso quando um indivíduo está em contato com ela, tende a sentir admiração por sua beleza própria.

Em Parintins as pessoas têm experimentado no seu cotidiano desfrutar das belezas naturais. O lago do Macurany é ponto desses atrativos por ser um lago, cujas margens ligam vários bairros, entres eles a mais conhecida “orla” que seu curso de água margeia os bairros Paulo Correia, União e Ocupação do Castanhal. Esses bairros em período de enchente são bastante frequentados pelas pessoas, por se destacarem por suas belezas naturais e serem considerados espaços de lazer e descanso. Os ambientes naturais oferecem diversos benefícios diversos aos seres humanos, os quais garantem sua sobrevivência, saúde física e promovem seu bem-estar (CAPALDI et al., 2017; GASCON et al., 2016; LARSON, GREEN; CASTLEBERRY, 2009; LUMBER et al., 2017; MARTIN et al., 2020). O estudo sobre a natureza amazônica vivida e contemplada realizado por Sousa et al. (2020), ressalta que o ambiente natural presente no ambiente de trabalho proporciona para as pessoas restauro físico e mental.

Atualmente a paisagem Amazônica tem mudado, seu calendário e formação variam a cada ano devido às questões climáticas. Parintins é uma cidade que nessas últimas décadas tem vivenciado de forma intensa a sazonalidade das águas, os fenômenos como o da enchente e vazantes que acabam modificando a paisagem local. A água tem, assim, um papel determinante na transformação da paisagem nas áreas urbanas, em especial as partes próximas aos rios e lagos, as ruas, escolas e residências. Essas construções sofreram modificações ou passaram por várias adaptações em sua estrutura física, todavia as populações ribeirinhas são as mais afetadas (SIOLI, 1951).

Na Amazônia o devir das águas é que dita o ritmo de vida das pessoas (SOUZA D., 2020). Esse “devir” é um termo emprestado da filosofia para denominar algo que está em

constante mudança. Neste sentido, a autora afirma que o devir das águas se refere ao que se vê nascer no período das vazantes, pois é nesse período que a terra fica propícia para o plantio devido aos ricos nutrientes que foram depositados ao longo do período da enchente (SOUZA D., 2020). Mas nesse ritmo também ficam em evidência as mazelas produzidas pelos humanos.

A poluição é um dos aspectos de degradação ambiental, pois com o incremento de moradias próximas aos rios, lagos e igarapés, a poluição tem se tornado frequente. Em Parintins infelizmente a questão do aumento da produção de resíduos e seu consequente descarte incorreto, tem se tornado comum, por mais que existam alguns órgãos ambientais, escolas e universidades fazendo um trabalho para chamar a atenção das pessoas sobre esse problema, ele persiste e aumenta gradativamente. A prática comum do descarte incorreto do lixo pode gerar vários impactos ambientais, entre eles doenças causadas pela contaminação dos rios, lagos e igarapés ou ainda doenças causadas por vetores transmissores como insetos, gatos, cães, vermes entre outros, sem falar na poluição visual causada pelo lixo e odor por conta da poluição que é depositado no ambiente (MUCELIN; BELLINI, 2008).

Mucelin e Bellini (2008) destacam que a cultura do descarte de resíduos nos cursos hídricos tornou-se um hábito cultural que é condenável. Nessa perspectiva, os autores destacam que a questão cultural de um povo como o hábito e costumes de jogar resíduos nos rios para que a água os “leve embora” se tornou mais visível pelo aumento absurdo do consumo. A produção exacerbada do lixo e a forma de tratamento desses resíduos pelo poder público geram agressões ambientais de assoreamento dos rios que provocam alagamentos e doenças à população local, bem como a morte da fauna e flora aquática ali existentes (MUCELIN; BELLINI, 2008).

Políticas de saneamento estão disponíveis, porém nem sempre aplicadas, seja por gestão ineficiente ou pela atitude da população, que além de não ter boas práticas ecológicas, pouco se interessam para cobrar a execução dos planos de gestão ambiental. Nesse sentido, percebe-se que há um longo caminho para que as pessoas ajam de forma consciente em busca de um espaço saudável, com boas condições de vida, e que para isso o ambiente necessita de cuidados e respeito.

Carneiro e Ribeiro (2016) relatam que tanto as pessoas que moram na zona rural quanto as que moram na zona urbana são afetadas pelos ciclos sazonais. Contudo, as pessoas que moram em áreas ribeirinhas são as mais afetadas com as fortes inundações, mesmo que, por força da falta de oportunidades sociais e econômicas, muitas pessoas tenham que se adaptar a tais fenômenos que ocorrem naturalmente ou de forma extrema (BARROSO, 2020).

Essa adaptação, nem sempre ocorre de forma tranquila ou resiliente, em muitos casos, as subidas das águas ou retraimento delas impõem sofrimento e mudança inesperada no seu modo de vida (OLIVEIRA V.; MAFRA; SOARES, 2012; RIBEIRO; CARNEIRO, 2016).

Pereira (2007) destaca que é necessário que as pessoas procurem formas de se adaptar às mudanças ocorridas na paisagem natural, sobretudo nas fases as quais ele destaca como sendo a fase aquática (cheia) e terrestre (seca). De acordo com Junk (1989) as pessoas mudam no sentido horizontal e vertical, essa mudança ocorre de acordo com a subida do nível da água dependendo do canal fluvial e da dinâmica. Assim, as pessoas podem ficar por pouco tempo, ou permanecerem estáveis ao longo dos séculos. Tais adaptações no modo de plantio, de uso da terra e de mobilidade fazem das populações amazônicas muito singulares em seu modo de vida. O costume local de morar sobre as águas, em flutuantes, é afetado sobremaneira, mesmo que esta continue sobre as águas, mas mais ou menos distantes da terra. Por outro lado, Souza D. (2020) enfatiza que na área de várzeas as casas são construídas sobre barrotes de madeiras, as quais são denominadas de palafitas. Desse modo, a moradia é também “volátil” e dependente do devir das águas (OLIVEIRA R.; PERALTE, 2020).

Além disso, o trabalho também sofre mudanças, tanto de objeto quanto de deslocamento. Os que usam as áreas marginais para o plantio de seus cultivos esperam a vazante para tal, ou se dirigem para a terra firme, muitas vezes exigindo longos deslocamentos e até mudança de endereço. Silva M. (2022) destaca que as mudanças sazonais interferem no calendário de atividades econômicas, pois essas atividades acontecem de acordo com o nível do rio, os exemplos citados por ela são o plantio e a pesca que acontecem no período da vazante e extração de madeira e a caça no período da enchente.

Com isso, se pode dizer que as mudanças sazonais acabam interferindo no modo de vida das pessoas, pois tanto aquelas que residem em áreas rurais, como aquelas que moram em áreas urbanas, todas são afetadas, ora de forma mais intensa ora menos intensa. Mesmo que exista uma estrutura de adaptação de moradias e de modos de trabalho, o ritmo das águas mobiliza tais pessoas para a mudança, nem sempre esperada ou conhecida. As incertezas do ritmo das águas devido às questões climáticas acabam por ser um fator de estresse mais contundente na vida das pessoas. Ou seja, as pessoas que moram na Amazônia, precisam fazer adaptações levando em consideração os ciclos sazonais, pois os níveis dos rios têm influenciado não somente na paisagem, mas no modo de vida dessas pessoas. De posse de tal realidade do ritmo das águas e as mudanças socioambientais que estão associadas, temos um cenário de relação da pessoa-ambiente que exprime vivências distintas. Para compreender o que pensam e como as pessoas se posicionam diante desta realidade socioambiental, estudos

de Percepção Ambiental se mostram como caminhos promissores para posterior intervenções efetivas.

### **Os ecossistemas amazônicos no senso comum**

O ser humano habita áreas distintas do globo terrestre e o lugar onde costuma viver é percebido tanto pelas suas condições físicas quanto simbólicas. O ambiente geofísico e material está inicialmente associado com as características ecossistêmicas. Na Amazônia, em particular, há fenômenos onde a terra e a água se fundem como faces de uma mesma moeda de vida. O ecossistema vem ser o conjunto de relações entre o meio ambiente, a fauna e a flora, ou formado por um sistema composto pelos seres vivos (SOUZA C., et al., 2012). Nessa mesma vertente, Nascimento (2018) afirma que o ecossistema é composto por um conjunto de elementos classificados como bióticos e abióticos. Os bióticos estão relacionados às plantas, aos animais, bactérias entre outros e já os abióticos elementos relacionados às rochas, a água, ao solo, ao vento entre outros. De acordo com o autor, esses elementos devem atuar de forma conjunta e possuir inter-relações num determinado ambiente da terra.

AB' Saber (2002), destaca que no ambiente amazônico predomina os ecossistemas de florestas que é composta pela maior biodiversidade. No ecossistema florestal da Amazônia destacam-se a floresta de terra firme, de várzea e de igapó (SOUZA C. et al., 2012). Para estes autores a floresta de terra firme é caracteriza por grande diversidade de espécies de árvores que chegam medir mais de 50m de altura; a floresta de várzea é caracterizada por possuir um solo rico em nutrientes, que são renovados a cada enchente da chuva, e a floresta de igapó é caracterizado por possui solo arenoso com número reduzido de nutrientes.

O ambiente amazônico possui uma grande variedade de espécies, sobretudo no que se refere às espécies da fauna silvestre. No entanto, vale ressaltar que na Amazônia parte dessa floresta é ocupada por povos tradicionais (FERREIRO, 2022). Nessa relação entre pessoas e ambiente ocorrem dinâmicas que são distintas.

No ecossistema amazônico é possível encontrar alguns fenômenos, como os de “terra caída” (SILVA S.; NODA, 2016). De acordo com as autoras, as terras e as águas no ambiente amazônico possuem uma relação chamada de circularidade. No rio Solimões/AM a forma dinâmica de perda de “terra caída” ou ganho da terra (terras novas) acontece a partir de um movimento de circularidade entre água e terra. Esse movimento é fundamental para a manutenção da vida de várias espécies, sejam elas vegetais, animais ou a espécie humana. Além disso, é responsável pela mudança da paisagem amazônica, que muitas vezes passa

despercebido, tais como o transporte de sedimentos que compõem o solo fértil encontrado nas áreas de várzeas (SILVA S.; NODA, 2016).

Na cidade de Parintins, como noutras cidades do interior da Amazônia, ocorre o fenômeno das “terras caídas” que tem afetado de maneira drástica a construção do muro de arrimo e outros lugares como as moradias na orla da cidade. O fenômeno das terras caídas tem afetado não somente o cenário físico, mas trouxe mudanças aos ritmos de vida das pessoas que moram ou exercem atividades comerciais nesse entorno.

A população ribeirinha tenta construir muros de arrimo no intuito de conter as fortes erosões, mas isto se torna quase impossível, uma vez que a extensão das margens é longa e a força das águas é elevada, provando grandes erosões (SILVA E., 2019). Cruz e Azevedo Filho (2017) ressaltam que os processos de erosão lateral das margens dos rios de águas claras mudam consideravelmente a paisagem de várzea amazônica, muitas vezes não deixando nem sinais de que ali havia um barranco. Apesar de as terras caídas serem fenômenos naturais que ocorrem devido a combinação de fatores existentes na natureza e que podem ocorrer em rios de água claras ou barrentas.

Se as terras caídas trazem paisagens e configurações socioambientais severas no cotidiano dos moradores, o rio em si é um espaço que ribeirinhos amazônidas utilizam como moradia, independentemente de suas nuances sazonais. As casas de palafitas são moradias comuns, com madeira de baixa qualidade, que possuem relação com a natureza e cultura presentes no contexto amazônico. (SENNA et al., 2022). Na orla das cidades é comum esse tipo de moradia. As casas de palafitas construídas nas margens dos rios são caracterizadas por pernas finas de madeiras, ou seja, por colunas de madeiras que ajudam a sustentar e elevar as moradias protegendo da entrada de água no interior da casa nos períodos de enchentes.

Já as casas flutuantes são literalmente construídas sobre o leito na orla das vilas e cidades amazônicas (TIAGO, 2014). De acordo com Meirelles Celuppi (2020) as casas flutuantes possuem algumas características da casa de palafitas, entretanto são construídas sobre as toras de madeiras, ou seja, toras de árvores específicas que possuem propriedades que viabilizam a flutuação das casas. Com isso, essas as casas podem se deslocar de lugar para outros de acordo de acordo com sazonalidades das águas. Para os autores, a potencialidade das casas flutuantes é a forma flexível, pois comparada a uma moradia fixa, essas podem ser rebocadas por embarcações no período da enchente e possibilitar aos moradores ambientes mais produtivos (MEIRELLES; CELUPPI, 2020). As casas flutuantes, no primeiro momento, não são diferentes das casas no ambiente terrestre, o que diferencia é por estar localizada num ambiente em cima da água (TIAGO, 2014).

Em Parintins, em particular, as casas de palafitas e casas flutuantes estão presentes nas orlas dos lagos, rios e igarapés e em áreas ribeirinhas de várzea. No entanto, essas casas não são só ocupadas como unidades domésticas, mas também como setor comercial popular oferecendo serviços de bar, cafés e restaurantes. A população local e visitantes utilizam esses espaços como recreação. De modo geral, ao redor dessas construções é comum se ver boiando uma grande quantidade de resíduos e pragas. Esse problema de poluição advindo da falta de saneamento e práticas dos usuários é persistente. Com a enchente essa poluição se dissipa, mas na vazante ela mostra o quanto está presente.

Essa realidade amazônica traz, portanto, uma singularidade, que afeta a vida social e os ecossistemas ambientais, e que para que as cidades sejam mais sustentáveis, há que se investigar os modos de entendimento e práticas das pessoas na relação com o ambiente, para assim, propor medidas educativas e de gestão mais eficazes e eficientes. Neste contexto, a pesquisa nos ajudará a compreender quais as percepções dos moradores da orla do bairro da União em Parintins-Am em relação à mudança do cenário geofísico e práticas socioambientais em função do ritmo sazonal da enchente e vazantes do rio Amazonas.

## CAPÍTULO 3

### PERCEPÇÃO DOS MORADORES SOBRE O RITMO DAS ÁGUAS EM SUA VIDA

Antes de apresentar as percepções específicas sobre o ritmo das águas, é necessário definir a Percepção Ambiental (PA). Trata-se de um construto teórico-metodológico para investigar subjetividades produzidas pelas pessoas a respeito do meio ambiente. Esse conceito tem sua origem no mecanismo psicológico da percepção. De acordo com Marin (2008), a palavra percepção vem do latim *perception*. Na língua portuguesa essa mesma palavra recebe a definição de ato ou efeito de perceber; faculdades de conhecer; ideia, entre outros. Todavia, Marin (2008) nos esclarece que essa ideia de complexidade de origem do termo reflete na compreensão do fenômeno, que tem a responsabilidade em insistir na busca por novos esclarecimentos sobre a história de como acontece o pensamento humano, cuja suas primícias têm diferentes vertentes, seja no idealismo, no empirismo, no realismo ou no materialismo (MARIN, 2008).

De acordo com os estudos de Kuhnen e Higuchi (2011), a PA é uma categoria de análise para compreender e refletir os conceitos em iniciativas de pesquisa, e mostram que tem sido utilizada pelas diferentes áreas do conhecimento, no sentido de compreender o comportamento humano mais especificamente na relação pessoa-ambiente.

Kuhnen (2009) adverte que os estudos que envolvem a PA são importantes, pois são deles que são retiradas as informações agrupadas em outros estudos. A autora ainda ressalta que é por meio de tais pesquisas que se pode compreender como as pessoas percebem os problemas ambientais e, a partir destas percepções, é possível se planejar ações e até políticas públicas eficazes. Nessa perspectiva, a PA é uma proposta metodológica para os estudos que procuram essa visão mais humanística, pois de fato a forma como as pessoas percebem os problemas ambientais, pode vir a ser um fator determinável. Ao se tratar dos problemas ambientais existem pontos que precisam ser analisados e ao levar em consideração a relação social entre pessoa e natureza há maior probabilidade de uma solução existir (KUHNNEN, 2009).

Para Silva L. et al., (2016) a PA pode ser compreendida como um fenômeno capaz de envolver a forma como a pessoa se relaciona com as questões ambientais e com tudo que está à sua volta levando em consideração os processos psicossociais, destacados pela autora como a cognição; o afeto; as preferências; as motivações; ainda os processos socioculturais que estão relacionado aos valores; a estética; e por fim os processos históricos ligados aos

contextos políticos, a economia e eventos. Nessa perspectiva pode-se resumir que a PA vem a ser um conceito capaz de analisar e compreender as diversas formas do comportamento humano, sobretudo, no que se refere à forma de se relacionar com o mundo.

Calegare e Higuchi (2013), destacam que a relação dos indivíduos e dos grupos com o ambiente em que vivem é resultado de contexto histórico construído de modo complexo, onde se podem encontrar vários determinantes como cultura, política, o espaço físico, entre outros. É nessa complexidade de vivências e aspectos pessoais, socioculturais e ambientais que cada indivíduo é nutrido para determinar os significados e valores atribuídos a um determinado lugar e o mundo vivido. De acordo com Tiago (2014), o termo lugar refere-se, na maioria das vezes, ao modo como as pessoas percebem e se relacionam com uma realidade que envolve questões sociais ou culturais.

Kuhnen (2009) afirma que a PA está ligada às questões afetivas que podem influenciar ou modificar os resultados da ação humana na natureza. Todavia, a autora destaca que a PA é aprendida e resulta nas ações que são empregadas que podem gerar impactos objetivos ou subjetivos, pois, aspectos cognitivos, emocionais, interpretativos e avaliativos estão em articulação. Nesse mesmo sentido, Veloso (2022) destaca que a PA deve ter como foco o local de vivência; o comportamento das pessoas; as crenças e significados que envolvem o contexto ambiental. Ou seja, o comportamento das pessoas em sua relação com o ambiente, é fruto da interação com o espaço socioambiental.

Nesse sentido, a PA é um caminho que nos possibilita entender em que base subjetiva ocorre a relação pessoa-ambiente (HIGUCHI; CALEGARE, 2013). Portanto a PA nos ajuda a compreender o porquê de tal comportamento no ambiente, em particular dos ecossistemas amazônicos.

Na Amazônia, os rios, a natureza exuberante e a conformação geográfica são elementos que atuam fortemente nos modos de pensar e agir dos amazônidas. Campos et al. (2012), destacam que o ambiente amazônico é um convite para se resgatar estímulos, criando desse modo, novas percepções e formas de se reintegrar a união entre ser humano e natureza. Daí se perceber a importância de como a pessoa integra e interage com esse ambiente, pois na medida em que se percebe o quanto fazemos parte de um todo é que se pode melhorar o que está à nossa volta.

As percepções do ritmo das águas foram obtidas por meio de uma entrevista semiestruturada com questões abertas. Após a aplicação da entrevista, as narrativas foram transcritas e inseridas numa planilha Excel e para melhor organização foi adotado o seguinte procedimento:

Para analisar os dados das perguntas abertas foi utilizada a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). Essa técnica metodológica empírica é aplicada a diversos discursos através de um conjunto de instrumentos. A análise de conteúdo segue três etapas essenciais: organização, codificação (unidade de registro e unidade de contexto) e categorização. A organização corresponde à estruturação da mensagem conforme é falada pelo entrevistador, ou seja, o conteúdo manifesto. A codificação corresponde à análise do conteúdo mais latente na fala dos entrevistados, no qual a mensagem é enxugada. Já a categorização é o agrupamento baseado nos significados encontrados na mensagem, a partir de critérios de homogeneidade, exaustividade, exclusividade, adequação e objetividade.

### **Sobre a enchente**

A partir das narrativas produzidas pelos moradores foi possível verificar três tipos de percepção relativos à enchente: a) *tempo de ganhos econômicos* (58%), b) *tempo de belezas e proximidade* (11%) e c) *tempo de preocupação* (27%). Já 4% dos moradores disseram não saber ou não responderam.

- a) *Tempo de ganhos econômicos*: para quem é morador da orla, o período da enchente é considerado um tempo de ganho econômico, pois existe uma movimentação de veículos, pessoas e embarcações, isso coopera para o aumento da renda do trabalhador informal e local. 58% dos moradores expressaram essa categoria que consiste na percepção de enchente como num tempo intenso de movimento de pessoas, de embarcações que trazem pessoas e produtos, de maiores oportunidades de trabalho e aumento na renda. A enchente “*é oportunidade de aumentar a renda*” – Mor04, é “*quando tem trabalho para todo mundo*” – Mor09. Tudo isso representa um período de maior disponibilidade de bens e serviços e produtos que chegam de outras áreas do interior e capital pelas embarcações. Esse movimento que a enchente proporciona reflete um considerável aumento de vendas e conseqüentemente maior ganho para quem vive nesta orla. Apesar de haver mais trabalho e menos tempo de descanso, é nessa época que eles conseguem repor sua renda, sempre tão baixa noutro período sazonal.
- b) *Tempo de beleza e proximidade*: esse é um tempo em que o rio chega mais próximo das moradias, com isso o morador tem oportunidade de apreciar com maior proximidade a natureza e movimentação tudo bem de perto.

Na enchente esta percepção foi manifestada por 11% dos moradores. Se constitui num período cujas águas exibem a beleza da amplitude de seu espelho. Neste tempo é permitido contemplar a paisagem e reduzir as distâncias entre a casa da orla e demais serviços que o rio dispõe. Para o Mor03 “a paisagem fica linda nesse período” e o morador Mor26 destaca “quando cheio fica todo tempo aqui pertinho”.

- c) *Tempo de preocupação*: para o morador esse momento reflete tempos de preocupação que aparecem com a subida da água. 27% dos moradores manifestaram essa categoria perceptiva afirmando que a enchente traz transtornos por conta de a água poder trazer à orla os resíduos e lixo jogados no rio, em risco de haver inundações e atingir as moradias. É nesse tempo ainda que animais indesejáveis invadem o espaço que as pessoas moram, colocando-as em perigo ou então em estado permanente de alerta. Na enchente tudo “é precário, os esgotos enchem e transbordam – Mor10”, é “muito chato porque vem bastante cobra para cá e sapos -Mor17”.

A história das pessoas com os lugares e o ambiente em geral revela laços afetivos construídos ao longo do tempo, seja de valência positiva ou negativa. Nesse aspecto afetivo destaca-se a ação humana e sua relação com o ritmo das águas dos moradores que moram na orla do bairro da União na cidade de Parintins-Am. Certamente viver nesse lugar gera sentimentos que determinam sua estadia ou saída do local. Com o passar do tempo e com as mudanças do cenário ambiental e social as pessoas formam entendimentos diferenciados. De acordo com Veloso (2022), as margens dos rios amazônicos, especialmente nos perímetros urbanos, que outrora eram magníficos, agora nem tanto devido às alterações da paisagem em função das ações humanas. De fato, os problemas ambientais têm se agravado nesses ambientes aquáticos, mas tem ocorrido certa naturalização da degradação e poluição, onde viver com ela e nela é parte do que tem sido possível para sobreviver.

Zacarias e Higuchi (2017) discutem que a poluição e a degradação não ocorrem magicamente, mas são resultantes do crescente consumo exacerbado. Veloso (2022) foca nessa degradação em função do sistema capitalista que estimula o consumo, no entanto, mesmo dentro deste sistema há formas de transformação de práticas de degradação ambiental, especialmente no quesito de resíduos sólidos.

Sobre a política dos resíduos sólidos, Oliveira A. (2020) destaca que a gestão de resíduos não pode ser inadiável, pois se trata de um serviço essencial. No entanto, a autora no

modelo contemporâneo, o consumo excessivo de produtos se dá em função da durabilidade de vida dos produtos, gerando grande descarte de resíduos. Tal conduta social gera a degradação ambiental, sobretudo dos ambientes aquáticos e modifica tanto a paisagem quanto os sistemas ecossistêmicos (MACHADO, 2012). Esse problema ambiental tem aumentado com a ocupação irregular das margens dos rios, lagos e igarapés, cujas moradias produzem o lixo que é descartado sem tratamento nos cursos d'água e que acabam por se juntar com o lixo que vem com as águas pluviais e tornando-se numa magnitude exponencial. Tudo isso se deve ao fato de que o ambiente aquático é visto como um lugar que pode servir de esgoto ou depósito de lixo e resíduos (MACHADO, 2012).

Dutra e Higuchi (2018) advertem que a relação entre pessoa e ambiente se torna limitada à medida que os ambientes naturais são degradados, pois viver em meio a destruição pode levar as pessoas a terem julgamentos induzidos por conta desse contexto. Para Cunha e Leite (2009) as causas relacionadas aos problemas ambientais são em sua grande maioria temas relacionados à poluição, falta de recursos naturais, redução da biodiversidade, reciclagem, entre outros. No entanto, de acordo com a autora, é importante a discussão dos temas, mas não se pode adiar assuntos relacionados ao comportamento humano, pois as mudanças e valores refletem nas atitudes das pessoas e sobretudo na sua relação com o meio ambiente.

### **Aspectos admirados pelo morador da orla no período da enchente**

Falar sobre o meio ambiente, sobretudo a orla do bairro da União, é descrever sobre a afetividade, ou seja, emoções positivas, mas também negativas que são desencadeadas no convívio com esse lugar e sua dinâmica.

A orla do bairro do bairro da União, no entanto não é apenas um espaço físico que possui características peculiares, a presença da natureza se complementa com as pessoas que ali estão inseridas. Como já mencionado, a maioria dos moradores mostra que os aspectos positivos sobressaem em suas percepções. No período da enchente existe a exuberância da água do rio que permite um cenário social diferenciado, ou seja, a presença de pessoas transitando próximo às suas casas e comércio, as embarcações, os triciclos, as motos, as bicicletas que trazem e levam gente e produtos. Essa movimentação social atrelada à subida das águas produz sensações que alguns moradores dizem ser relativa à satisfação proporcionada pelo movimento de gente e bens, e outros mencionam a satisfação proporcionada pela paisagem amplificada ou ampliada do espelho do rio.

Destaca-se, portanto, que a admiração dos moradores a respeito da enchente é produzida a partir de duas categorias: a) *o movimento social* e b) *a beleza da paisagem*.

a) *Movimento Social*: o período proporciona o convívio com outras pessoas que não moram na orla, pois existe uma movimentação maior de ribeirinhos, turistas e visitantes locais, o que oportuniza uma troca de conhecimentos. A maioria dos moradores (81%) expressou essa admiração associada à subida das águas que traz a “muvuca” social. Essa percepção consiste na alegria de ver a chegada de indivíduos do interior e de cidades próximas, resultando em uma intensa movimentação. A admiração com “*os barcos e o movimento de pessoas chegando e saindo para o interior*” – Mor18 implica nessa itinerância de mercadorias e produtos regionais que representam a fartura amazônica. Tudo isso acontece bem próximo deles, como se isto tudo estivesse sendo observado de dentro da casa dos moradores.

A subida das águas proporciona a satisfação de viver a proximidade dos acontecimentos e a facilidade de acesso tanto para vender quanto para comprar os produtos, que muitas vezes envolve peixes e outros animais vivos, *pois “as coisas ficam mais fáceis”* -Mor01.

b) *Beleza da paisagem*: é um período de apreciação para o morador, é o espelho da água do rio que reflete, a presença dos pássaros, tudo isso em harmonia com a floresta e o movimento social. Para 19% dos moradores a enchente proporciona apreciação da natureza, quando as alterações na paisagem podem ser admiradas, seja no aumento do nível de água do rio ou a abundância das águas, que nas palavras do Mor02 é lindo esse “*o montão de água que enche aí*”. Com esse aumento no nível de água no rio “*paisagem fica muito linda, fica muito cheio*” - Mor06.

Nessa admiração pelo lugar em que estão inseridos e onde ocorrem as mudanças sazonais próprias da Amazônia, há uma interação socioambiental intrínseca. A interação com meio social e físico é um fator mencionado por diversos autores, nessa perspectiva Del Rio (1991) ressalta que a interação mental com o meio ambiente pode ser compreendida em cinco processos psicológicos: a) a motivação que está relacionada ao interesse consciente ou inconsciente no modo de interagir com o ambiente; b) a percepção onde o indivíduo tem capacidades em perceber o mesmo objeto independente dos fatores culturais, personalidades, inúmeras ideias ou estímulos que podem ser captadas e decodificadas pelo cérebro; c) a cognição é responsável por possui um saber que agi de forma consciente e inconsciente, com

ideias selecionadas e aprendidas por outro lado organizado em compreender a representação dos símbolos, valores e intenções para determinada forma de conduta; d) a avaliação ou julgamento, onde mais se intensificam os nossos valores culturais e de grupo; e e) a conduta responsável por finalizar os processos ao que ocorrem em nossa mente, sobretudo em resposta que nossa mente é capaz de processar.

Para Zacarias e Higuchi (2017) a percepção ambiental (PA) desempenha um papel fundamental, no sentido de apropriação e no uso social dos espaços. Com isso, as autoras afirmam que por meio da PA o ser humano se envolve com o ambiente, cria imagens mentais e afetivas em relação a esse espaço que o leva ao apego. Essa relação de apego com lugar pode ajudar a reduzir a forma de exploração dos recursos naturais, já que essa exploração está ligada à cultura do consumo. Para isso, os estudos relacionados a PA nos mostram o entendimento das pessoas diante da realidade ecológica e assim mostrar possibilidades para propor intervenções educativas a fim de alcançar relações ambientalmente sustentáveis. Isso inclui práticas capazes de colaborar com as necessidades sociais, tendo como pressuposto que os recursos naturais são fonte de vida humana, a tal ponto que o ser humano deve estar consciente de suas práticas e consequências de sua relação com o ambiente (CUNHA; LEITE, 2009).

A subida das águas também possui uma dimensão que desagradam os moradores, nessa perspectiva vamos apresentar a seguir os aspectos o que tem desagradado o morador da orla do bairro da União.

### **Aspectos que perturbam o morador da orla no período de enchente**

Esse período tem sido visto pelo morador da orla como tempo de inquietações. Viver nesse lugar faz com que o morador também vivencie acontecimentos ruins. A sazonalidade da água do rio é algo que está ligado à vida das pessoas que moram na orla, e portanto, ora são bons e ora ruins. Constatou-se que para 42% dos moradores o período da enchente não é algo desagradável, pelo contrário como afirma o Mor01 a “*enchente não apresenta nenhuma perturbação [...] porque é com subida das águas que vem mais clientes*”. O movimento é algo esperado por esses moradores isso é perceptível na fala que destaca “*prefiro a esse período porque gosto dessa agitação*”- Mor25”. Todavia, para 58% dos moradores nesse período tem algo desagradável. As categorias de desagrado manifestadas por esses moradores são: a) *Poluição (19%)*, b) *Barulho (12%)*, c) *Risco de inundação (27%)*.

a) *Poluição*: para o morador, a poluição é acompanhada conforme sobe a água do rio, pois na percepção deles os donos de embarcações e pessoas que vem nas embarcações depositam o lixo que é consumido no rio. Para 19% dos moradores, a poluição ambiental se torna mais visível nesse período de enchente, pois há um aumento no número de embarcações e de pessoas na orla. É o período em que a “*água está ficando poluída, quase parada aí algumas pessoas jogam várias imundícies - Mor07*”. Esse movimento de pessoas para esses moradores, resulta em uma maior concentração de lixo “*é o lixo que vem com chegada desses flutuantes É tanto lixo no rio quanto nos arredores da escadaria-Mor12*”. No período do levantamento espacial observou-se que as embarcações não se preocupam com o descarte adequado dos resíduos, havendo casos em que os resíduos são despejados diretamente no rio.

b) *Barulho*: na enchente o barulho é o som alto dos bares, é a buzina dos carros e motos, é a conversa alta de quem vai e de quem chega de viagem, isso em constante durante o dia, a noite e entra pelo amanhecer. Para 12% dos moradores esse período tem muita perturbação. O movimento de barcos e de pessoas nesse período tem início nas primeiras horas da manhã como explica o Mor04 “*às vezes a gente quer dormir um pouco mais e não tem como por conta desse movimento e barulho*”. Esse movimento se estende até as últimas horas da noite, com isso existe muito barulho “*é barco chegando, é barco saindo, é gente falando; é gente brigando é aquele movimento de beirada que tem -Mor18*”.

c) *Risco de Inundação*: a possibilidade da enchente do rio chegar em nível mais alta traz apreensão, pois alguns moradores já sofreram com as inundações no período em que a orla não tinha passado por aterramento, hoje não sofrem, mas com última enchente de 2020 algumas residências foram alagadas e isso traz incômodo para mora na orla .Para 27% dos entrevistados esse período está relacionado com as grandes enchentes, “*na cheia a gente passa por inundação se chover muito -Mor16*”, deixando todos apreensivos pois há “*o medo é se encher muito, porque pode alagar - Mor21*”. Essas alagações trazem grande prejuízo e estresse.

### **Sobre a vazante**

A vazante é o tempo que corresponde a diminuição do nível de água, ou seja, a “descida das águas” nos rios da Amazônia. É nesse cenário de vazante que ocorre a mudança

na paisagem e no modo de vida das pessoas que moram na orla. A partir das narrativas produzidas pelos moradores foi possível verificar duas categorias: a) Tempo de *pouco movimento e baixa renda* (58%) e b) Tempo de *mudança da paisagem* (42%).

a) *Pouco movimento e baixa renda*: com o devir das águas, os barcos migram para uma parte mais distante da orla e com a ausência dessas embarcações, o fluxo de pessoas diminui, resultando na redução das vendas para o comércio local. Esse tempo representa para 58% moradores a diminuição das vendas, pois a ausência de água no rio faz com que poucas ou nenhuma embarcação fique na orla. O morador destaca na fala “*trabalho com comércio, os barcos não encostam aqui no período da seca e a venda cai bastante*” - Mor06. É um período em que o movimento de pessoas é pouco, por esse motivo o comércio abre mais tarde e fecha mais cedo. Nesse período o nível de água no rio fica muito baixo, dificultando a chegada de embarcações e conseqüentemente das pessoas já que aquela é uma das vias de chegada na cidade. A orla sem barcos, sem fluxo de pessoas circulando é vista pelos moradores como um lugar deserto. “*Na seca essa área fica deserta, os flutuantes mudam daqui, aí fica aquele deserto*” - Mor10.

b) *Mudança da paisagem*: na vazante a paisagem é modificada dia após dia com o afastamento dos barcos, com o surgimento da vegetação, com a lama se misturando a ela e secando a partir do contato com o sol. Com isso existe uma mudança no cenário os barcos vão se mudando aos poucos, e surge os pequenos arbustos, a vegetação verde se mistura com a lama, passado isso é possível se avistar de longe um campo verde ou um chão enxuto. 42% dos moradores fazem alusão às mudanças que ocorrem na paisagem “*A paisagem muda fica só terra aí onde está o rio, a água some* - Mor02”. O rio vai secando e aparece os pequenos arbustos, “*é legal, esse espaço aqui fica primeiro com muita lama, mas depois nasce o capim e fica verdinha toda essa área aqui* - Mor17”. O morador se refere “aqui” a orla do bairro, durante a vazante quanto mais o rio seca mais coisas podem ser vistas, como por exemplo, os espaços verdes que servem para os momentos de lazer.

A maioria dos moradores expressa o quanto a sua sobrevivência econômica está associada ao movimento de vazante, uma vez que os barcos, as pessoas e os bens e serviços estão reduzidos. O aspecto social prevalece como resultante dessa condicionante ambiental para essas pessoas de poucos recursos financeiros. Melazo (2005) nos adverte que a PA precisa ser compreendida como uma parte que envolve uma série de fatores, sejam estes

voltados a questões sensoriais, subjetivas, sociais, culturais ou a questão ambiental, pois é necessário compreender a relação do ambiente e o que se foi transformado. Neste sentido, compreendemos que a PA pode estar ligada a diversas percepções que o ser humano elabora a partir de suas experiências vividas e compartilhadas com outras pessoas onde convive. A PA, embora compartilhada devido a cultura e a lugar, acontece de forma única para cada pessoa, em função de suas características singulares. Dessa forma, as PA são forjadas por aspectos pessoais, socioculturais e espaço físico vivenciado (MELAZO, 2005). Neto Lins et al. (2020), destacam que o conhecimento que está subjacente às práticas comportamentais pode ser revelado a partir da PA do que é sentido, através dos estímulos externos bem como da forma singular do pensar de cada indivíduo.

### **Aspectos admirados pelo morador da orla no período de vazante**

Ao solicitar, em especial, o que mais admiram neste período de vazante, os moradores destacaram três categorias: a) *O nascer do verde (77%)*, b) *a predominância de terra (19%)*, e c) *aumento do pescado (4%)*.

- a) *O nascer do verde*: na vazante, o lugar que era antes ocupado pela água fica coberto por um pasto verde, esse serve de abrigo para os animais de fazendas próximas da orla e ainda como campo de futebol para os moradores. 77% dos moradores dizem que o espaço da orla vai ficando mais “*verde, quando o capim vai crescendo - Mor01*”. Os animais aproveitam esse lugar para pastar, pois é quando “*a água vai baixando, vai nascendo um capim novo - Mor08*”. Para os moradores a presença maior de verde nesse espaço significa uma presença maior dos pássaros e outros animais.
- b) *A predominância de terra*: é o período em que a água do rio atinge um nível mais baixo, então se pode avistar um solo, em partes a orla fica enxuto possível de atravessar a pé e em outras fica com pequenos córregos de água. Para 19% dos participantes essa categoria consiste no tempo em que “*a paisagem muda completamente, essa área fica completamente seca*” - Mor10. O espaço que estava encoberto pela água do rio fica enxuto facilitando a travessia das pessoas, “*a gente atravessa aqui lá para outro lado andando, de moto e até de carro - Mor26*”. Essa facilidade é algo que traz o fascínio para quem mora na orla, pois para os moradores acompanhar essa mudança da “fase aquática” para a “fase terrestre” é ver surgir um chão para pisar, sentir-se na terra.

c) *o aumento das vendas de pescado*: ocorre o que se chama de tempo de piracema dos peixes, pois alguns peixes neste período de vazante migram para outros lugares rio acima nadando contra a correnteza do rio para se reproduzir. Nesse período existe a proibição de algumas espécies de peixe de água doce, mas passando esse período a pesca é liberada e ocorre a fartura dos peixes. 4% dos moradores neste período têm admiração em poder contemplar a visibilidade e quantidade de peixes que é trazida por pescadores locais. Na orla é possível avistar as bancas de venda de peixe com variações que correspondem a esse período de vazante “*nesse período a pescaria se torna mais farta- Mor22*”.

O estudo nos revela que a maioria (96%) dos moradores considera a vazante algo admirável pelo surgimento do verde e da terra, da vida nova que brota na várzea rica em substâncias férteis. A várzea com pouca movimentação de pessoas e embarcações permite essa contemplação, que não é vazia, mas que relembra a exuberância amazônica, um solo que permite a regeneração da vida verde. Nesse momento, como nos afirmam Kuhnen e Higuchi (2011) essa vivência, permite ao morador unir os fatos ambientais com a vida social, ora um está mais em voga, ora outro, mas mesmo assim, ambos estão como as faces de uma moeda, são aspectos do mesmo mundo.

### **Aspectos que perturbam o morador da orla no período da vazante**

O momento desagradável está presente em qualquer lugar, porém estes momentos podem ser mais intensos ou menos presentes do que em outros períodos. Enquanto que para 8% dos moradores não existe nada que os desagrade no período de vazante, 92% expressa desconfortos diferenciados. Constatou-se 3 categorias perceptivas: a) *a perda econômica (31%)*, b) *os riscos ambientais (50%)*, c) *os riscos sociais (11%)*.

a) *a perda econômica*: para o morador, a vazante é um tempo de diminuição de vendas, pois os barcos que encostavam na orla migram para outros lugares do rio. Para 31% a categoria representa um tempo de baixa atividade comercial na região, “*a venda cai, fica vazio e fica estrago para nós*” - Mor13. A diminuição das vendas no comércio local é entendida como um período que desagrade o morador da orla. Como relata “*a gente trabalha com comércio a gente não ver quase os movimentos de pessoas*” - Mor15. Essa ausência de pessoas representa poucas vendas no comércio, o que traz desagrado para o morador que tem o comércio como uma fonte de renda.

- b) *os riscos ambientais*: para os moradores da orla os riscos ambientais, são aqueles que podem causar algum dano para vida. 50% dos moradores da orla ficam descontentes com a poluição “*é o lixo que fica quando a água vai baixando*” - Mor03. A presença desses resíduos, seja no rio ou nas margens próximas, é um fator que desagrade o morador “*quando a água baixa essa área da orla fica só praia e dá para ver o lixo*” - Mor07. A presença do lixo se torna ainda mais evidente, causando transtornos para os moradores que consideram a orla um lugar de beleza natural. É durante a vazante que surge, ainda, o risco de ter mais animais peçonhentos, “*as cobras que aparecem*” -Mor05 próximas às residências.
- c) *os riscos sociais*: na percepção dos moradores os riscos sociais estão relacionados a falta de segurança do espaço e com isso surgem aparecimentos de alguns roubos e furtos. Para 11% dos moradores essa categoria representa um momento de preocupação com roubos e assaltos, pois há pouco movimento, e assim como afirma o Mor26 “*só cuidado com nossa embarcação por conta de roubo*”. Além disso, o Mor21 destaca “*só a distância que eu tenho que caminhar para chegar em casa*”. Essa variação da vazante faz com que as embarcações atraquem longe da margem e por isso requer dos usuários um esforço maior pela distância que se tem de caminhar e pela “*a quentura mana, porque esse período é muito quente*” - Mor22.

Compreender como é essa vivência em tempo de vazante está para além do que se pode observar. A percepção desses moradores nos ajuda no entendimento de como ocorre esse período. Embora na vazante exista um período de escassez no comércio, outros fatores como a quantidade de resíduos a céu aberto, de animais indesejáveis, as distâncias a caminhar e o calor intenso afetam o cotidiano dessas pessoas.

O período da vazante carrega características que só podem ser contadas por quem vivencia essa sazonalidade de perto. Pardini (2012) destaca que a ciência, em seus diversos contextos amazônicos, nos mostra que há influência humana no ambiente físico desde a pré-história. Sobre isso Marçal et al. (2021), ressaltam que na Amazônia existem múltiplas percepções para cada território, essas percepções é que ajudam a compor o modo de vida dos povos tradicionais.

Dessa forma, é importante destacar que o período de enchente e vazante do rio são experiências vividas e sentidas pelo morador da orla do bairro da União dia após dia. Para a

maioria deles a enchente traz junto o fluxo de pessoas e embarcações, o que representa para o morador, mais oportunidades de trabalho e aumento nas vendas do comércio local. Por outro lado, a vazante, embora não tenha esse movimento social, é vivida por eles como um momento de contemplação da natureza.

Morar na orla consiste em experimentar os ritmos das águas e as transformações que esse tempo traz consigo. Observa-se que a vida desses habitantes amazônicos que residem na cidade com pouco poder aquisitivo, está completamente ligada à sazonalidade das águas do rio. Para esses moradores, viver esse momento é ter a oportunidade de expressar sua percepção em relação às mudanças que ocorrem, e isso implica em preservar suas tradições e conviver de forma harmoniosa, em meio às condições socioambientais oferecidas por esse lugar.

### **A paisagem amazônica no olhar do morador da orla**

O cenário amazônico nos proporciona, consciente ou inconscientemente, contemplar a natureza e construir nossa percepção de paisagem. Nessa perspectiva, Beltrão (2021) nos adverte que a paisagem compreende tudo que a nossa visão alcança e pode conter elementos que são construídos a partir da cultura e do trabalho humano. A paisagem vivenciada pelo morador da orla acontece em dois momentos cruciais, um no período da enchente do rio e outro na vazante. Essa sazonalidade da água do rio traz mudanças no modo de vida e na forma como se percebe essa paisagem (PEREIRA, 2007).

Para o morador da orla essa paisagem pode representar tanto *a) lugar de contemplação da beleza (88%)* como um *b) lugar habitual de padecimento (12%)*.

- a) *Lugar de contemplação da beleza:* para o (a) morador (a) a orla é um lugar que serve para apreciação da natureza. Essa categoria está relacionada ao tempo que esses moradores (88%) têm para apreciar a paisagem do rio à sua frente, seja de forma frequente ou casual, pode ser relacionado à água ou a terra. Para o Mor17 a água é seu atrativo principal “*todo dia de tarde eu sento aqui, tiro uma foto e coloco no meu status e fico olhando essa água chegar ficar brilhando ali*”. Já o Mor12 ressalta os aspectos da terra “*quando está seco você pode ver uma paisagem verde, verde fica linda*”. Há ainda a beleza natural que emociona, “*uma paisagem única com belezas naturais*” -Mor09. Esses moradores atribuem adjetivos ao observar a paisagem proporcionada pela água e pela terra onde pode ser observado belos cenários. A paisagem “*é uma maravilha é um paraíso*” -

Mor07. É algo intrinsecamente ligado aos sentimentos afetivos de forma positiva em relação ao local. A descrição “*tem uma paisagem linda, muitas pessoas vêm de outro lugar para admirar - Mor13*” demonstra o encanto por essa paisagem é tido como algo encantador.

- b) *Lugar habitual de padecimento*: na percepção do morador o lugar é algo que faz parte de uma rotina e por esta atarefado com as atividades diárias não tem tempo para observar a paisagem. Para 12% dos moradores da orla, a paisagem fica em segundo plano devido a agitação diária. Esses moradores não conseguem observar a paisagem bonita ou passaram a encará-la como um privilégio exclusivo dos visitantes “*eu não tiro esse tempo, é bom para quem vem de fora e acha bonito - Mor10*”. Para Mor13 “*para mim já faz parte da rotina, já é comum isso é mais para vocês que vem de fora*”. A naturalização da vida doméstica e do trabalho o afasta da contemplação que poderia restaurar suas energias emocionais. Da mesma forma, o lado feio nada convida para a apreciação pois “*fica cheio de garrafa é coisa que não é bom para nós que moramos aqui*” - Mor10; “*é cheia de lixo, as pessoas tinham que ter mais consciência*” - Mor12.

De acordo com os estudos de Silva W. (2013), a forma como vivemos na contemporaneidade reflete em nosso comportamento ambiental, pois de acordo com a autora, a modernidade nos coloca em mundo completamente tecnológico, ao mesmo tempo em que nos afasta do convívio com a natureza. No caso dos moradores, é o árduo trabalho físico de sobrevivência devido sua condição socioeconômica e as condições deletérias do lugar com os resíduos do mundo, que precisa de cuidados. Em ambos os casos está em curso a desconexão com a natureza da mesma forma que muitos valores éticos (SILVA W., 2013).

Os estudos de PA têm sido um meio importante para constatar a realidade subjetiva da relação pessoa-ambiente. sobre isso Zacarias e Higuchi (2017) salientam que existem ligações decorrentes dos processos socioculturais característicos compartilhados pelos grupos sociais em seu ambiente social e físico.

### **Percepção dos moradores sobre problemas ambientais**

Não é fato desconhecido que as orlas das cidades do interior tenham perdido sua beleza para os problemas de poluição e desmoronamento dos barrancos devido ao mau uso do solo. Entre os problemas mais comuns percebidos pelas pessoas é o lixo que se acumula nas margens e flutua no rio (TIAGO, 2014). No entanto, os problemas ambientais são definidos

como alterações nos ecossistemas terrestre, aquático e atmosférico que podem ser de origem natural ou antrópica.

Borinelli (2011) destaca que os problemas ambientais de maneira ampla e biológica, podem ser compreendidos como resultantes de um desequilíbrio entre a espécie e suas capacidades de adaptação ao ambiente “biótico e abiótico”. Os problemas ambientais recebem influência do contexto social e histórico, e em grande parte, esses problemas surgem da ação humana nos variados ecossistemas do planeta, gerando desequilíbrios por meio da exploração e poluição de recursos naturais, e impactando nos fluxos ecológicos que sustentam a existência humana e de outras espécies (BORINELLI, 2011).

Para os moradores o problema ambiental ainda não é percebido em sua magnitude, mas relativo ao que os prejudica no dia a dia. Uma pequena parcela de moradores (8%) disse não saber se existe ou não problemas ambientais na região. No entanto, para a maioria dos moradores (92%), os problemas ambientais são uma realidade presente na orla. Para esses moradores, os principais tipos de problemas são a presença de lixo e a invasão de animais perigosos.

- a) *Presença de lixo:* Para a grande maioria (77%) dos moradores o lixo é uma grande preocupação. De forma geral, esse lixo é visto como um rastro “*que os flutuantes e barcos vão deixando*” -Mor14. Com isso ocorre a poluição do espaço, trazendo incômodos para quem mora na orla. Nota-se, no entanto, que mesmo por um único morador, há uma preocupação com problemas mais distantes e que os atinge de alguma maneira, como mencionado pelo Mor25 são as “*queimadas, agora esse ano ainda não está tendo, mas quando eu cheguei aqui era maior, era horrível*”.
- b) *Invasão de animais:* Para 15% dos moradores, os animais que invadem seu espaço de moradia representam uma ameaça. Na enchente é comum esses animais subirem o barranco e invadir as casas “*cobras e sapos*” -Mor17 e outro morador afirma que as “*cobras, isso é mais quando vai enchendo*” -Mor12.

Esse estudo nos revela que a maioria (77%) considera o descarte incorreto de lixo como um problema ambiental. Essa poluição, como afirmou o morador Mor14, é causada por outras pessoas que não moram nesse espaço da orla. No período de observação constatou-se que os moradores têm a preocupação de colocar o lixo nos dias em que o carro coletor do lixo passa, isso três vezes na semana e quando estes moradores veem alguém jogando o lixo no espaço da orla eles chamam a atenção da pessoa no sentido de manter o espaço da orla limpo.

O cuidado desses moradores está no sentido de que a orla representa para eles uma extensão de sua casa, e ver este espaço com lixo acaba sendo um desconforto.

A maioria (65%) dos moradores, destacam que na vazante os problemas socioambientais se tornam mais presentes. Os demais 27% dizem que é na enchente. A sazonalidade do rio marca, portanto, essa preocupação quando “*eu vejo que vai ficando garrafa dos flutuantes*” - Mor001, ou quando “*as pessoas jogam lixo, vem na calada da noite e jogam lixo aí*” -Mor13. O lixo que não se vê parece não ser notificado como problemas. Com a descida do nível da água do rio, a poluição fica mais em evidência, como pode ser constatado na Figura 11.

**Figura 11:** Presença de lixo na vazante



**Foto:** Autora, 2023.

Quando o nível da água baixa cria nesse espaço essa área verde, que devido ser uma terra fértil, a grama e pequenos arbustos crescem rapidamente. Mas esse verde não encobre os resíduos ali deixados, mas se mistura aos resíduos, e logo os encobre até que possam ser enterrados pela lama ou submergidos na próxima subida do rio e se deslocarem para outros lugares. Esse lixo não é só o que não se degrada como os plásticos, pedaços de madeira, pneus e metais, mas também o lixo que se decompõe como animais mortos, restos de comida e dejetos humanos. Esse lixo traz um odor que os incomoda e os impede de fazer coisas que habitualmente fazem como “*a poluição impede a gente de tomar banho no rio*” -Mor009.

Constata-se que esses moradores, que têm baixo poder aquisitivo, baixa escolaridade e, em muitos casos, negligenciados pelo poder público, vivem em condições insalubres que se estendem há décadas. Percebe-se que pouca ou nenhuma intervenção socioeducativa tem sido oportunizada para eles. Processos de educação ambiental são largamente verbalizados, mas sua efetiva ação é rara. Muitos problemas ambientais poderiam ser indicados por estas pessoas, mas acabam naturalizando muito de sua condição de risco ambiental. É comum se ouvir “*não tem jeito nenhum, o povo é mal-educado*”, ou “*é questão de natureza, só se a gente não morasse aqui*” -Mor10.

O rio, no período da enchente, mesmo encobrindo isso tudo, é um espaço considerado limpo para alguns dos moradores. 27% destacam que o lixo é um problema que se pode constatar na Figura 12.

**Figura 12:** Presença de lixo na enchente



**Foto:** Autora, 2023.

Entre os problemas ambientais notificados pelos moradores 65% são associados à degradação no ambiente causada pelas pessoas (outras); 27% atribuem a causas do próprio ambiente, ou seja, as inundações e a mudança no clima. 8% não souberam responder como esses problemas ambientais surgem. No entanto, esses moradores conseguem encontrar soluções para que os problemas sejam evitados, seja a partir da mudança do comportamento das pessoas ou de políticas públicas sustentáveis.

De acordo com 50% dos moradores uma maior conscientização ecológica levaria a pessoa a *“colocar o lixo na sacola para o lixeiro levar ao invés de queimar”* - Mor22 e *“ter mais consciência onde estão jogando seu lixo”* - Mor12. A outra metade (50%) dos moradores lembram que isso tudo poderia ser diferente se políticas públicas fossem efetivamente implementadas para diminuir o problema do lixo tais como *“ter mais lixeiras para pessoa depositar o seu lixo”* -Mor001, colocar *“placas que indiquem que não é para jogar lixo aí”* -Mor25 e encontrar meios que *“se organizassem esses flutuantes”* - Mor04; se *“tivesse uma fiscalização”* - Mor08. Segundo os moradores, com a falta de fiscalização as pessoas abusam e não se importam com os problemas que causam. No entanto, a fiscalização a qual se refere é para os flutuantes que estão na orla, pois para alguns moradores a presença dos flutuantes e outras embarcações ocasionam um aumento na poluição do rio, como é afirmada aqui *“a água é quase parada aí algumas as pessoas jogam várias imundícies”* - Mor07. Nesse sentido, pouco conseguem observar a sua responsabilidade nesse imbróglio.

### **A responsabilidade na produção e solução dos problemas ambientais**

Para os moradores da orla, os problemas ambientais mencionados são de responsabilidade: a) das pessoas (42%), b) da organização pública (35%), c) dos donos de embarcações (8%) e não soube responder (15%).

Na perspectiva de 42% dos moradores os problemas são resultado da ação humana na natureza, ou seja, *“seria nós, o próprio ser humano, porque não adianta vir a prefeitura e botar milhares de coisa para limpar a rua às vezes tu pega uma sacola e termina de comer uma coisa e joga na rua”* - Mor18. Para esse grupo de moradores a responsabilidade maior é das pessoas, isso inclui quem mora na orla, o turista, o visitante de outros bairros da cidade, o ribeirinho e ainda quem possui qualquer tipo de embarcação na orla.

Para 35% dos moradores os problemas ambientais são responsabilidade do poder público pois *“se tivesse um órgão mais competente, porque fica muito feio, mesmo a orla estando toda iluminada e asfaltada a questão do lixo é feio”* -Mor005. Para esse grupo de moradores, deve haver a ação de outros órgãos para que faça cumprir o que está previsto na constituição. Para o Mor23 *“o pessoal da prefeitura que deveria colocar uma fiscalização melhor aí, a orla é muito grande e deveria ter várias lixeiras aí”*. Essa fala ressalta que deve haver fiscalização por parte dos órgãos competentes.

Uma minoria de moradores (8%) destaca que o problema ambiental é resultado da presença das embarcações na orla, e, portanto, a responsabilidade de mudar essa situação é

dos próprios donos de embarcações como afirma o Mor19 *“os proprietários mesmo dessas embarcações deve ter mais consciência eles que tem que mudar isso aí”*. Mas há os que pensam que a responsabilidade, mesmo que seja destes proprietários, deveria ocorrer *“um diálogo entre os moradores e os donos desses flutuantes”* -Mor21.

Observa-se que os moradores têm uma noção muito próxima da realidade conjunta na produção de problemas ambientais, mas ainda são ingênuos no aprofundamento desses problemas. É aqui que o processo de educação ambiental pode se mostrar eficiente e eficaz, associando todos esses segmentos e elementos que produzem tal realidade. Um pensamento crítico e autônomo não é fácil nem rápido para se alcançar, mas pode ser iniciado com um processo de sensibilização, de informações sobre os fatos ali ocorridos, com proposição de capacitação de modos que possam reduzir esse acúmulo de lixo, e no compromisso que cada pessoas e/ou segmento deve ter em suas ações ou diante da observação de alguém jogando lixo ou resíduos na orla (HIGUCHI; AZEVEDO, 2004).

O cuidado com a orla deve ser coletivo, mas por falta de um entendimento do que é ser coletivo, ninguém realmente se percebe integrante desse ambiente. A orla não é apenas um lugar de belezas naturais ou porta de entrada do visitante que traz renda, mas é o lugar de moradia de muitas pessoas que ali vivem, do comércio e trabalho informal e local. Tendo o rio como via de acesso e comunicação e como meio que fornece sabedoria àqueles que estão receptivos à busca constante de conhecimento (SOUZA J., 2013).

A maioria dos moradores (69%) têm participado de atividades de cuidado e limpeza do espaço local. 31% responderam que já tentaram fazer mutirão para melhorar a situação de lixo no local. Já os que se envolvem dizem que isso até ocorre, mas não tem adesão dos locais *“já, antes da pandemia a gente se reuniu, depois não teve mais, é uma questão assim, a porque que eles sujam e a gente tem que limpar entendeu, aí tu convidar um vizinho eles não querem mais participar”* -Mor19. Questões como essas mencionadas peço morador Mor19 são fatores que acabam desmotivando o morador da orla.

Eventualmente acontecem mutirões promovidos por alguns moradores ou pela associação *“fizemos um mutirão reunimos e fizemos um sopão”* -Mor12, ou *“a gente se reunia para organizar e fazer uma ação a gente fez um mutirão”* - Mor005.

Os 69% que não participam de atividades de limpeza do local, não se sentem envolvidos, porque aparece *“quem faz de vez em quando, são os estudantes de outras escolas e da universidade- Mor10*. Parece que pouco se importam com as iniciativas de pessoas que não são moradores da orla, *“quem faz mais é pessoal de fora”* -Mor13. Reconhecem que *“as universidades vêm elas se juntam com alguns moradores e limpam aí”* -Mor26, e ainda *“as*

*escolas, quando seca aí eles reúnem para fazer uma limpeza nesse espaço” - Mor16. Com isso se percebe que falta para o morador o sentido de pertencimento ao lugar.*

Dessa forma, torna-se evidente a ausência, por parte do residente, do sentimento de pertencimento ao local. Essa percepção é fundamental para o processo de ressignificação, no qual a pessoa passa a atribuir um novo significado à sua existência. Isso demanda uma abordagem que se inicia internamente, a partir do vínculo emocional com o local e da disposição para integrar algo maior (SOUZA J., 2013).

Segundo os moradores, as iniciativas ocorrem por meio de associações de bairro ou dos donos de flutuantes, são bem definidas pois fazem o trabalho de orientação e coleta do lixo, principalmente *“quando vai enchendo o pessoal dos flutuantes mandam limpar e fica tudo limpinho para poder eles virem para cá” - Mor14. Há também a participação da Secretaria de Meio Ambiente Municipal quando “eles fazem uma ação, onde reúnem e fazem a limpeza dessa área,” -Mor13, mas mesmo assim muitos só assistem ao mutirão e relatam “não posso falar porque nunca participei” - Mor006.*

Para os moradores participar dessas atividades exige disponibilidade de tempo e ação voluntária e nem todos se sentem aptos a isso. No entanto, (81%) dos moradores diz que vale a pena participar desses momentos de mutirão ou qualquer outra ação que envolva melhorias no cuidado do espaço. Vale a pena porque é por meio dessas práticas que se tem experiências de cuidado com a natureza como afirma *“uma experiência, porque a gente ajuda a natureza e deixa limpo esse lugar” -Mor007 e “porque fica bem limpo e todo mundo usa depois esse espaço” - Mor-20. Essas ações deixam o lugar mais atrativo e possibilita o uso comum para o lazer “as vezes até a gente joga bola aí embaixo por isso a gente tem que limpar mesmo” - Mor19.*

Atualmente, os problemas ambientais têm sido destaque nas principais discussões, pois impactam tanto o estilo de vida das pessoas quanto o próprio ecossistema, sendo também percebidos como uma ameaça para a economia. De acordo com Vestena e Schmidt (2009), os problemas socioambientais representam uma ameaça para a economia global. Nessa perspectiva Mendonça F. e Cunha (2016), ressaltam que a sociedade consumista é causadora, pois quando não deposita os resíduos de modo apropriado, trazem consequências para si e para o planeta.

Mendonça F. (2009), destaca a relevância de fomentar a comunicação e a partilha de saberes, visto que nas áreas urbanas observa-se a presença de questões socioambientais, como poluição do solo, do ar e dos recursos hídricos, esses têm impactado a vida das pessoas que dependem do rio, assim como a vida de outras espécies do meio aquático e terrestre. Dessa

forma, os problemas socioambientais, especialmente os presentes na enchente, têm tomado uma proporção de efeitos no ambiente construído e, conseqüentemente, na vida da comunidade (FARIAS; MENDONÇA F., 2016).

Os moradores ressaltam a beleza do lugar e seu potencial contemplativo, mas valorizam em maior grau, o lucro obtido no período da enchente a partir das vendas aos visitantes, ao mesmo tempo alguns moradores enfatizam que o problema da poluição local é ocasionado pelos visitantes. Com isso o morador da orla deixa perceptível que as relações estabelecidas com o rio existem percepções positivas quando se trata do lucro e do lugar de contemplação da natureza, mas existem percepções negativas em relação a poluição do local.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo teve como objetivo central compreender as percepções dos moradores da orla do Bairro da União em Parintins-Am em relação à mudança do cenário geofísico e práticas socioambientais em função da sazonalidade do rio. As principais questões levantadas nesse estudo deixam claro que o ritmo das águas compõe parte da vida dos moradores da orla, onde convivem com as possibilidades de ganhos e perdas econômicas, de calma ou barulho, de apreensão ou tranquilidade pela mobilidade que o rio oferece e reduz em cada sazonalidade. A enchente é o tempo mais aguardado, pois representa para o morador um tempo de fartura com o aumento nas vendas dos peixes e de produtos que vêm do interior. Tudo isso é quase na porta de suas casas tornando a orla como extensão de sua unidade de comércio.

Com o aumento do nível da água no rio, as embarcações encostam na orla, por ser um dos lugares de entrada e saída da cidade, muitas pessoas passam por lá. A enchente é um tempo em que o morador pode observar tudo bem de perto. No entanto, há preocupações com esse nível do rio, uma vez que se a água atingir um nível alto, sua moradia pode ser alagada, e em muitos casos ser invadida por animais perigosos ou asquerosos. Com a vazante que retira a água próxima, também são retiradas as possibilidades de muitas vendas no seu comércio. Com a migração dos barcos, por conta do nível baixo no rio, a orla passa por período de calma, na percepção dos moradores chega ser um deserto, trazendo preocupações por contas dos roubos e furtos.

Nesse cenário do ritmo das águas, o ritmo social também é atingido. A preocupação com a sobrevivência faz com que muitos moradores só se preocupem com os riscos e ganhos

para se manter fisicamente. Poucos conseguem ainda observar a paisagem que os restaura em momentos do cansaço ou da tristeza. A maioria diz não ter tempo ou esta paisagem é mais para os visitantes. Percebe-se o distanciamento do pertencimento a esse lugar, onde o morador é mais inquilino do que dono de sua vida. O longo processo de vulnerabilidade social o impede de uma autonomia transformadora e pertencente ao mundo em que vive. Não se vive, se sobrevive.

A posse da orla é dada ao turista que vai apreciar a natureza e se divertir. Os moradores da orla pensam em deixar o ambiente bom, limpo e atrativo para isso. Para si, parece uma questão ainda não mencionada. Nesse jogo de distanciamento e baixo pertencimento, o poder público pouco tem feito para uma formação socioambiental dos moradores. Permite-se que outros ajam no seu lugar, e até se sintam enaltecidos pela ajuda recebida, mas poucos se colocam à disposição para participar em ações coletivas de melhoria da vida em comunidade. Não se quer dizer que estes moradores se eximem da responsabilidade, mas sim, que estes foram e estão gradualmente sendo destituídos de sua cidadania de pertencimento ao lugar de moradia. Essa realidade requer iniciativas de processos educativos para empoderamento político, econômico e ambiental da comunidade.

Espera-se que os dados encontrados a partir dessa pesquisa possam contribuir de forma significativa para outros estudos que envolvem a relação pessoa-ambiente amazônico, ou que se some a outros estudos que discutam sobre como a espacialidade atua na socialidade ali instalada. Da mesma forma, que a socialidade presente na orla possa ser pensada e criticamente posicionada na transformação da espacialidade do lugar vivido, tendo como timão o ritmo das águas.

Apesar das provocações e reflexões que o estudo nos deixa, é necessário se fazer uma releitura do modo como esse espaço e as pessoas que lá vivem estão sendo assistidas. Falar em meio ambiente é falar em meio social, nos direitos e deveres de cada pessoa que protagoniza sua estadia no mundo. O diálogo é fundamental para dar continuidade em projetos ou para se fazer cumprir o que está previsto em lei. Há que se promover esses encontros de escutas e trocas de experiências, de modo a resolver os problemas apontados nesse estudo, pois a orla é um lugar de uso social coletivo onde tanto o morador, o turista, ou os gestores públicos devem cuidar. Para isso se faz necessário que os órgãos competentes e moradores, visitantes e donos de embarcações reflitam sobre a importância do cuidado com este espaço.

Os resultados obtidos nessa pesquisa, não se projetam de forma definitiva e permanente, mas necessita de maior aprofundamento nas questões discutidas. Como todo o

ambiente, é necessário se ter uma compreensão ampla e serena de como os problemas e as soluções podem crescer ou diminuir. De como as pessoas vivem e moram na Amazônia, e que alimentam seu imaginário e suas pretensões de estar num mundo melhor e mais sustentável.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Magda. **Como escrever teses e monografias**: um roteiro passo a passo. 4º reimpr. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

AB'SABER, Aziz N. Bases para o estudo dos ecossistemas da Amazônia brasileira. **Estudos avançados**, v. 16, p. 7-30, 2002. <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142002000200002>>

ALBUQUERQUE, Jakson Douglas Rocha de. **Agricultura familiar: análise comparativa da produção de hortaliças na várzea e terra firme de Parintins, AM**. Dissertação (Mestrado em Agronomia Tropical) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 86 f. 2016. Disponível em:<<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5496>> Acesso em: 07 nov. 2022.

ARAÚJO, Juliana Pereira, Maria Paulina de Assis, and Elis Regina Costa. "A sustentabilidade, a educação ambiental e o curso de Educação do Campo: é possível essa aproximação?" *Revista Brasileira de Educação do Campo* 2.3 (2017): 921-940. Disponível em:<<https://doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2017v2n3p921>> Acesso em: 15 jan. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROSO, Hamilton Bonifácio. **Processo de ocupação urbana pelos moradores que vivem no Igarapé Santo Antônio em Tabatinga/AM: dimensões socioambientais**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação: Mestrado Profissional em Sociedade e Cultura na Amazônia. 155f. 2020. Disponível em:<<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8136>> Acesso em: 26 out. 2022.

BELTRÃO, Ednilson Ayres. **Paisagens das águas e o sentido do lugar na vida dos habitantes das áreas de várzea do município de Barreirinha no Amazonas**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas. 182 f. 2021. Disponível em:<<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8306>> Acesso em: 22 out. 2022.

BORINELLI, Benilson. Problemas ambientais e os limites da política ambiental. *Serv. Soc. Rev., Londrina*, v. 13, n. 2, p. 63-84, 2011. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/8292>>. Acesso em: 20 de fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Diretrizes e normas regulamentadoras sobre pesquisa envolvendo seres humanos**. Resolução n.196 de 10 de outubro de 1996. Brasília: CNS, 1996. Disponível em: <[https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196\\_10\\_10\\_1996.html](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html)> Acesso em: 15 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>> Acesso em: 15 fev. 2023.

CALEGARE, Marcelo Gustavo Aguilar; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. Significado de morar e viver numa Unidade de Conservação, p. 189-212. In Maria Inês Higuchi, Camila Carla de Freitas, Niro Higuchi (orgs), **morar e viver em unidades de conservação no Amazonas**: considerações socioambientais para os planos de manejo. Manaus: Inpa, 2013.

CAMPOS, Milton César Costa; Nestor Marinho Serudo Martins Neto, Edvalda Santos Veras, Zilda Gláucia E. Franco Souza. **Percepção ambiental**: experiência em escolas de ensino fundamental em Humaitá (AM). **Ambiência**, v. 8, n. 1, p. 35-46, 2012. Disponível em: <<https://revistas.unicentro.br/index.php/ambiencia/article/view/1358>> Acesso em: 09 nov. 2022.

CAPALDI, Colin A.; PASSMORE, Holli-Anne; ISHII Ryo; CHISTOPOLSKAYA Ksenia A.; VOWINCKEL, Jonte; NIKOLAEV, Evgeni L. e SEMIKIN, Gennady I. Engaging with Natural Beauty May Be Related to Well-Being Because It Connects People to Nature: Evidence from Three Cultures. **Ecopsicologia**. v.4, n.4, p. 199-21, 2017. <<https://doi.org/10.1089/eco.2017.0008>> Acesso em: 01 Mar. 2023.

CRUZ, Emanuel. **O fenômeno das terras caídas**: uma mudança natural na paisagem e suas implicações aos moradores da comunidade da Barreira do Andirá no município de Barreirinha AM. 2017. Trabalho de conclusão de curso UEA- Parintins-AM. Disponível em: <<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/696>>. Acesso em: 01 Mar. 2023.

CUNHA, Alecsandra Santos; LEITE, Eugênio Batista. Percepção ambiental: implicações para a educação ambiental. **Sinapse Ambiental**, [S. l: sn], p. 66-79, 2009. Disponível em: <[http://200.229.43.1/graduacao/cursos/arquivos/ARE\\_ARQ\\_REVIS\\_ELETR20090930145741.pdf](http://200.229.43.1/graduacao/cursos/arquivos/ARE_ARQ_REVIS_ELETR20090930145741.pdf)> Acesso em: 10 nov. 2022.

DEL RIO, Vicente Eduardo. **Desenho urbano e revitalização na área portuária do rio de janeiro**: a contribuição do estudo da percepção ambiental. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-10022010-194210/>> Acesso em: 27 jan. 2023.

DUTRA, Gracy Kelly Monteiro; HIGUCHI, MARIA INÊS GASPARETTO. Percepções Ambientais de crianças que vivem em espaços degradados na Amazônia. **Ambiente & Sociedade**, v. 21, p. e00871, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc0097r1vu18L3AO>> Acesso em: 01 Mar. 2023.

FERRARA, Lucrécia d'Aléssio. **Ver a cidade**: cidade, imagem e leitura/ Lucrécia d'Aléssio Ferrara. São Paulo: Nobel, 1998.

EL KADRI, Michele Rocha; FREITAS, Carlos Machado de. Um SUS para a Amazônia: contribuições do pensamento de Boaventura de Sousa Santos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 3459-3466, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.2.30772019>> Acesso em: 01 Mar. 2023.

EL Niño e LA Niña (El Niño–Oscilação Sul). **Ciências e Informação para uma Nação Inteligente em Termos Climáticos**. Out. 2022. Disponível em:<<https://www.climate.gov/enso>> Acesso em: 25 nov. 2022.

FARIAS, Ariadne; MENDONÇA, Francisco. Riscos socioambientais de inundação urbana sob a perspectiva do Sistema Ambiental Urbano. **Sociedade & Natureza**, v. 34, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.14393/SN-v34-2022-63717>> Acesso em: 27 de fev. de 2024.

FEARNSIDE, Philip. M. **Desmatamento na Amazônia brasileira: História, índices e consequências**. p. 7-19 - Manaus: Editora do INPA, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.inpa.gov.br/handle/1/38899>> Acesso em: 01 jan. 2023.

FERREIRA, Tatiane da Costa. **Fauna florestal e fluvial nas residências dos moradores durante a enchente do Rio Jari-AP**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Instituto Federal do Amapá, Laranjal do Jari, AP, 16f. 2022. Disponível em: <<http://repositorio.ifap.edu.br/jspui/handle/prefix/768>> Acesso em: 01 Mar. 2023.

FIGUEIREDO, Ângela Maria Rodrigues de. **Crianças e territorialidades: As brincadeiras nas ruas do bairro da União em Parintins/AM**. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação Sociedade Cultura na Amazônia- PPGSCA, do Instituto de Ciências Humanas e Letras – ICHL, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. 175 f, 2017. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6204>> Acesso em 10 out. 2022.

FISCH, Gilberto; MARENGO, José A.; NOBRE, Carlos A. The climate of Amazonia- a review. **Acta Amazônica**, v. 28, p. 101-101, 1998. <<https://doi.org/10.1590/1809-43921998282126>> Acesso em: 01 Mar. 2023.

FLICK, Uwe. **Métodos de pesquisa: Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GASCON, Mireia; TRIGUERO-MAS, Margarita.; Martínez, David; DADVAND, Payam; Rojas-Rueda, David; PLASÈNCIA, Anton.; NIEUWENHUIJSEN, Mark J. Residential green spaces and mortality: A systematic review. *Environment international*, v.86, p. 60–67, 2016. <<https://doi.org/10.1016/j.envint.2015.10.013>> Acesso em: 01 Mar. 2023.

GUEDES, Terezinha Aparecida; MARTINS, Ana Beatriz Tozzo; ACORSI, Clédina Regina Lonardan; JANEIRO, Vanderly. Estatística descritiva. **Projeto de ensino aprender fazendo estatística**, p. 1-49, 2005. Disponível em: <[https://www.ime.usp.br/~rvicente/Guedes\\_etal\\_Estatistica\\_Descritiva.pdf](https://www.ime.usp.br/~rvicente/Guedes_etal_Estatistica_Descritiva.pdf)> Acesso em: 11 mar. 2023.

GIL, Antônio Carlos, **Como elaborar um projeto de pesquisa**, 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, David Franklin da Silva. "O Clima Ritma a Vida: o Território do Médio Rio Juruá, a Mudança Climática e os Sistemas Socioecológicos Ribeirinhos." Tese de doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. 262 f. 2022. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/9104>> Acesso em: 15 jan. 2024.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; CALEGARE, Marcelo Gustavo Aguilar. Percepções sobre a floresta amazônica, áreas verdes e manejo. In: **morar e viver em unidades de conservação**

**no Amazonas:** considerações socioambientais para os planos de manejo/ org. Maria Inês Higuchi, Camila Carla de Freitas, Niro Higuchi. p.213-232. Manaus, 2013.

HIGUGHI, Maria Inês Gasparetto; FREITAS Camila Carla; HIGUCHI, Niro. (Orgs.). **morar e viver em unidades de conservação no Amazonas:** considerações socioambientais para os planos de manejo. 268p. Manaus, 2013.

HISSA, C.E.V.; Melo, A.F. **O Lugar e a cidade:** conceitos do mundo contemporâneo. In: Hissa, C.E.V. (org.) Saberes ambientais: o desafio para o conhecimento disciplinar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

JUNK, Wolfgang J.; BAYLEY; SPARKS The flood pulse concept in river-floodplain systems. **Canadian special publication of fisheries and aquatic sciences**, v. 106, n. 1, p. 110-127, 1989. Disponível em: [http://ftp.cs.ru.nl/toinesmits/Recommended\\_readings\\_IWRM\\_2009/Water\\_Ecomorphological\\_principles/1989JunkThe%20flood%20pulse%20concept%20in.pdf](http://ftp.cs.ru.nl/toinesmits/Recommended_readings_IWRM_2009/Water_Ecomorphological_principles/1989JunkThe%20flood%20pulse%20concept%20in.pdf)> Acesso em: 29 nov. 2022.

KUHNEN, Ariane. Meio ambiente e vulnerabilidade a percepção ambiental de risco e o comportamento humano. **Geografia**, v. 18, n. 2, p. 37-52, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/277835180>> Acesso em: 20 de fev. 2023.

KUHNEN, Ariane; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. Campos de encontro da psicologia e educação na construção de comportamentos socioambientais. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, v. 14, n. 44, p. 101-108, 2009. Disponível em: [http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1315-52162009000100008](http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1315-52162009000100008)> Acesso em: 20 de fev. 2023.

KUHNEN, Ariane; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. Percepção Ambiental. in: **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Sylvia CAVALCANTE; Gleice A. ELALI (Org.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 250-266.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LARSON, Lincoln R.; GREEN, Gary. T.; CASTLEBERRY, Steven. B. "I'm too old to go outside!" examining age-related differences in children's environmental orientations. **Proceedings of the 2009 Northeastern Recreation Research Symposium**, GTR-NRS-P-66, P.42-46, 2009. Disponível em: [https://www.nrs.fs.usda.gov/pubs/gtr/gtr\\_nrs-p66.pdf#page=49](https://www.nrs.fs.usda.gov/pubs/gtr/gtr_nrs-p66.pdf#page=49)> Acesso em: 01 Mar. 2023.

LIMA, Joelson Leal; SILVA SOUSA, Keid Nolan; SANTOS, Paulo Roberto Brasil. Detecção remota dos potenciais efeitos de secas intensas sobre a sazonalidade da água no complexo fluvio-lacustre do Curuaí, Rio Amazonas, Pará, Brasil. **Geo UERJ**, [S.l.], n. 38, p. 42362, mar. 2021. < <https://doi.org/10.12957/geouerj.2021.42362> > Acesso em: 01 Mar. 2023.

LUMBER, Ryan; RICHARDSON, Miles; SHEFFIELD, David. Beyond knowing nature: Contact, emotion, compassion, meaning, and beauty are pathways to nature connection. **PloSone**, v.12, n.5, p. e0177186, 2017. < <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0177186> > Acesso em: 01 Mar. 2023.

MACHADO, Ana Lúcia Soares. **A educação ambiental para gestão sustentável da água: estudo de caso do Igarapé do Mindu-Manaus Am.** Tese de Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília. 245 p. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/12845>> Acesso em: 20 de fev. 2023.

MARÇAL, Alessandro Silva. Os múltiplos territórios dos pescadores tradicionais do litoral amazônico brasileiro: da invisibilidade à negligência. **Revista NERA**, v.24, n.56, p, 24-50, 2021. < <http://dx.doi.org/10.47946/rnera.v0i56.6572> > Acesso em: 15 de fev. 2023.

MARENCO, Jose. Antônio. Água e mudanças climáticas. **Estudos Avançados**, v. 22, n.63, p, 83-96, 2008.< <https://doi.org/10.1590/S0103-40142008000200006>> Acesso em: 20 de fev. 2023.

MARIN, Andreia Aparecida. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em educação ambiental**, v. 3, n. 1, p. 203-222, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.18675/2177-580X.vol3.n1.p203-222>> Acesso em: 20 de fev. 2023.

MARTIN, Leanne., WHITE, Mathew. P., HUNT, Anne., RICHARDSON, Miles, Pahl, Sabine; BURT, Jim. Nature contact, nature connectedness and associations with health, wellbeing and pro-environmental behaviours. **Journal of Environmental Psychology**, v. 68, p.101389, 2020. <<https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2020.101389>> Acesso em: 20 de fev. 2023.

MENDONÇA, Francisco. Geografia, Geografia Física e Meio Ambiente: uma reflexão a partir da problemática socioambiental urbana. **Revista da ANPEGE**, v. 5, n. 05, p. 123-134, 2009. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6594>> Acesso em: Acesso em: 27de fev. de 2024.

MENDONÇA, Francisco; CUNHA, Fabio Cesar Alves; LUIZ, Gislaiane Cristina. Problemática socioambiental urbana. **Revista da ANPEGE**, v. 12, n. 18, p. 331-352, 2016. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6409>> Acesso em: Acesso em: 27de fev. de 2024.

MEIRELLES, Célia Regina Moretti; CELUPPI, Maria Cristina. A Construção das Configurações Espaciais das Comunidades Ribeirinhas da Amazônia Brasileira: O Caso da Comunidade Cristo Ressuscitado em Manacapuru AM. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, v. 20, n. 1, p. 163-177, 2020. <<https://doi.org/10.5935/cadernospos.v20n1p163-177>> Acesso em: 20 de fev. 2023.

MELAZO, Guilherme Coelho. Percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. **Olhares & Trilhas**, v. 6, n. 1, 2005. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/olharesetrilhas/article/download/3477/2560>> Acesso em: 10 nov. 2022.

MENIN, Júlia. “A natureza se move e a gente se move junto”: práticas de adaptação às mudanças climáticas em comunidades ribeirinhas da Amazônia. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 172 f. 2021. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/226010>> Acesso em: 10 out.2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde.** (12ª edição). São Paulo: Hucitec-abrasco.2010.

MUCELIN, Carlos Alberto; BELLINI, Marta. Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano. **Sociedade & natureza**, v. 20, p. 111-124, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1982-45132008000100008>> Acesso em: 20 de fev. 2023.

NASCIMENTO, Carlos Henrique. **O ensino de ecossistemas amazônicos por meio da metodologia de aprendizagem baseada na resolução de problemas (ABRP).** Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal – Bionorte, na área Biodiversidade e Conservação. 101f. 2018. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6854>> Acesso em: 05 mar. 2023.

NETO, Nelson Felipe de Albuquerque Lins et al. Avaliação e percepção ambiental do parque nascentes do Mindu: subsídios para sua conservação. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 12, p. e42091211152, 2020. <<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i12.11152>> Acesso em: 20 de fev. 2023.

OLIVEIRA, Andreza Cristhine dos Santos Rodrigues. **Comportamento socioambiental associado à coleta seletiva em condomínio residencial na cidade de Manaus-AM.** Dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia-Universidade Federal do Amazonas. 90 f, 2020. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8055>> Acesso em: 20 de fev. 2023.

OLIVEIRA, R. de S.; PERALTA, N. «O rio comanda a vida»: Aprendizagem do nado em uma comunidade ribeirinha do Amazonas. **Revista Latino americana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v.18, n.1, p.1-27. 2020. <<https://doi.org/10.11600/1692715x.18104>> Acesso em: 20 de fev. 2023.

OLIVEIRA, Valter Paulo; MAFRA, Marcela Vieira Pereira; SOARES, Ana Paulina Aguiar. Eventos climáticos extremos na Amazônia e suas implicações no município de Manaquiri (AM). **Revista Geonorte**, v. 3, n. 8, p. 977–987-977–987, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/revista-geonorte/article/download/2448/2258>> Acesso em: 25 out. 2022.

PARDINI, Patrick. Natureza e cultura na paisagem amazônica: uma experiência fotográfica com ressonâncias na cosmologia ameríndia e na ecologia histórica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, p. 589-603, 2012. <<https://doi.org/10.1590/S1981-81222012000200017>> Acesso em: 20 de fev. 2023.

PEREIRA, Henrique dos Santos. **A dinâmica da paisagem Socioambiental das várzeas do rio Solimões-Amazonas.** In: FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C (Orgs). Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007. Disponível em: <[https://www.academia.edu/download/55218875/comunidades\\_ribeirinhas\\_modos\\_de\\_vida.pdf](https://www.academia.edu/download/55218875/comunidades_ribeirinhas_modos_de_vida.pdf)> Acesso em: 25 out 2022.

QUEIROZ, Matheus Silveira de; NETO, Antônio Gomes Tomaz. **A influência dos Rios Negro e Solimões nas comunidades rurais ribeirinhas no município de Iranduba-**

**Amazonas.** Geografia Física e as Mudanças Globais. 1ed. Fortaleza: Editora UFC, p. 01-12, 2019. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/341232962>>Acesso em: 24 out. 2022.

REIS, Fernanda Tatiane dos Santos et al. **O Bosque da Ciência como espaço educador ambiental no ensino básico.** Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas. 158 f. 2020. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8056>>Acesso em: 21 mar. 2023.

RIBEIRO, Patrício Azevedo; CARNEIRO, Kassia karise Carvalho. A dinâmica da enchente e vazante no município de Barreirinha/AM: impactos socioambientais e a intervenção das políticas públicas. **Revista Eletrônica Mutações**, v. 7, n. 12, p. 114-127, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/1021>>Acesso em: 11 out 2022.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Dares Correia dos; BRITO, José Ivaldo Barbosa de; SILVA JUNIOR, Carlos Herriot Fernandes da Silva. Influências da Oscilação atlântico norte e do Índice de Oscilação sul em Índices climáticos na Amazonia ocidental. *Revista AIDIS De Ingeniería Y Ciencias Ambientales. Investigación, Desarrollo Y práctica*, v. 9(1), p.107-124, 2016. Recuperado a partir de <<https://revistas.unam.mx/index.php/aidis/article/view/50310>>Acesso em: 15 jan. 2023.

SERUDO, Tereza Paula de Alencar et al. **Os tempos acíclicos e cíclicos da natureza e sua influência nas escolas ribeirinhas de várzea e terra firme nos municípios de Manaus e Careiro da Várzea no estado do Amazonas.** Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas. 115f. 2022. Disponível em:< <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/9030>>Acesso em: 25 out. 2022.

SENNA, Gislany Mendonça et al. As edificações varzeanas e suas adaptações ao mundo amazônico. **Research, Society andDevelopment**, v. 11, n. 8, p. e19211830643-e19211830643, 2022. <<https://doi.org/10.33448/rsd-v11i8.30643>> Acesso em: 20 de fev. 2023.

SILVA, Elinara Ferreira da et al. **Erosão fluvial: um risco eminente para a cidade de Parintins-AM. 2022.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao colegiado de Geografia do Centro de Estudos Superiores de Parintins/ Universidade do Estado do Amazonas-UEA- 2019. Trabalho de Disponível em: <<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/3762>>Acesso em: 15 jan. 2023.

SILVA, Winnie Gomes. **A Floresta Amazônica está aqui e lá: um estudo sobre a percepção ambiental com universitários de Manaus e Recife.** 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10446>>Acesso em: 09 nov. 2022.

SILVA, Winnie Gomes; ROAZZI, Antonio.; HIGUCHI, Maria Inês. G.; SOUZA, Bruno. C.; Roazzi, Maira M. Hipercultura e imagens mentais: A percepção ambiental da floresta amazônica a partir da teoria da mediação cognitiva. **Revista Amazônica, LAPES AM**, Ano 9, v. 17, n.1, p. 173-187, 2016. <<https://goo.gl/Q1W6ac>>Acesso em: 10 de fev. 2023.

SILVA, Michelle Andreza Pedroza da. **Influência dos eventos hidrológicos extremos nas estratégias adaptativas das comunidades ribeirinhas da RDS do rio Madeira**. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal do Amazona. 211 f. 2022. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8968>>Acesso em: 25 out. 2022.

SILVA, Sandra Helena; NODA, Sandra Nascimento. A Dinâmica entre as águas e terras na Amazônia e seus efeitos sobre as várzeas. **Revista Ambiente & Água**, v. 11, n. Rev. Ambient. Água, v.11, p. 377–386, 2016. <<https://doi.org/10.4136/ambi-agua.1805> > Acesso em: 20 de fev. 2023.

SIOLI, Harald. **Alguns resultados e problemas da limnologia amazônica**. 1951. Disponível em: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/376376/1/Limnologia.pdf> >Acesso em: 29 nov. 2022.

SOARES, Áurea Camila Muniz. **Influência de fenômenos climáticos sobre o regime hidrológico no médio rio Negro (Amazonas–Brasil)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, 78 f. 2022. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/9069>>Acesso em 10 out 2022.

SOUSA, Adria de Lima; ALBUQUERQUE, Dayse da Silva; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto Higuchi. **A natureza vivida e contemplada no contexto urbano Amazônico**. In: Relações pessoa- ambiente amazônico. Org. Maria Inês Gasparetto Higuchi, Jose Cavalcante Lacerda Junior. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

SOUZA, Cacilda Adélia Sampaio de; et al. A floresta Amazônica: conceitos fundamentais. In: **A floresta amazônica e suas múltiplas dimensões: uma proposta de educação ambiental/** Editores: Maria Inês Gasparetto Higuchi, Niro Higuchi. 2 ed. Ver. e ampl. Manaus, 2012. <<https://repositorio.inpa.gov.br/handle/1/35116>> Acesso em: 20 de fev. 2023.

SOUZA, Deise Nilciane Ferreira. **O dever das águas-o modo de vida dos moradores do Lago do Catalão em Iranduba-AM**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração Amazônia: Território e Ambiente na linha de pesquisa Espaço, Território e Cultura na Amazônia. 149 f. 2020. Disponível em: <<http://177.66.14.82/handle/riuea/3308>>Acesso em: 10 out.2022.

SOUZA, Francivan Dias de. **Dinâmica fluvial do rio Amazonas e implicações socioeconômicas para a cidade de Itacoatiara–AM**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, 110 f. 2022. Disponível em:< <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8972>>Acesso em: 15 jan.2023.

SOUZA, José Camilo Ramos de. A geografia nas comunidades ribeirinhas nas escolas de Parintins: entre o currículo, o cotidiano e os saberes tradicionais. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/T.8.2013.tde-08082013-102213>>Acesso em: 12 dez. 2023.

SOUZA, Nilciana Dinely de. **O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): evolução e transformação**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/T.8.2013.tde-23102013-120716>> Acesso em: 10 jan.2023.

SOUZA, Valdilene Siqueira de **Centralidade urbana em cidades ribeirinhas da Amazônia**: Parintins-AM. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, 149 f. Manaus, 2017. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5997> > Acesso em 10 out. 2022.

STOLL, Émilie; ALENCAR, Edna Ferreira; MEDAETS, Chantal; FOLHES, Ricardo Theophilo. **Etnografar as paisagens evanescentes da Amazônia**. Nirvia Ravena. **Paisagens Evanescentes**: Estudos sobre as percepções das transformações nas paisagens pelos moradores dos rios amazônicos. ed. NAEA, p.21-39, 2019. Disponível em: <<https://hal.science/hal-02280289>> Acesso em 10 out. 2022.

TIAGO, Eliana Rodrigues. **Ambiente Flutuante: os significados e identidade de lugar de moradores de casas flutuantes**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Amazonas, 81 f. 2014. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3931>> Acesso em: 28 fev. 2023.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **Saturação em pesquisa qualitativa**: estimativa empírica de dimensionamento. Rev. PMKT [Internet]. v. 3, 2009.

TRIVIÑOS, A.N.S. (1987). **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.

TUAN, Yi-Fu. 1930-. **Espaço e lugar**: a perspectiva de experiência /Yi-Fu Tuan; tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1930.

VELOSO, José Anderson Bastão. **A percepção ambiental dos moradores de flutuantes e suas relações com o rio**. 2022. Dissertação (Mestrado em Rede Nacional para Ensino de Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Amazonas. 179 f. 2022. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8921>> Acesso em: 20 de fev. 2023.

VESTENA, Leandro Redin; SCHMIDT, Lisandro Pezzi. Algumas reflexões sobre a urbanização e os problemas socioambientais no centro-sul paranaense. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 31, n. 1, p. 67-73, 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3073/307325328009.pdf> > Acesso em: 27 de fev. de 2024.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. <<https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>> Acesso em: 20 de fev. 2023.

ZACARIAS, Elisa Ferrari Justulin; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. Relação pessoa-ambiente: caminhos para uma vida sustentável. **Interações (Campo Grande)**, v. 18, p. 121-129, 2017. <<https://doi.org/10.20435/inter.v18i3.1431>> Acesso em: 10 de fev. 2023.

## APÊNDICE 1 - ROTEIRO DA ENTREVISTA

### PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

Como define seu sexo? ( ) Feminino ( ) Masculino ( ) Outros

Idade----- anos          Escolaridade? -----

Cidade em que nasceu?

Há quanto anos mora aqui?

Qual a sua atividade que gera renda pra você e sua família?

Como você classifica a renda de sua família?

( ) Mínima, não dá para suprir as necessidades pessoais.

( ) Média, dá para pagar as cotas e sobra um pouco para compras pessoais.

( ) Alta, dá para pagar as contas e sobra para viagem em família, para o lazer dos domingos e feriados.

Quantas pessoas moram em sua casa? -----

Como foi que o senhor/a veio morar aqui? -----

Me fale como é viver aqui na orla. Quais são as coisas boas? E as coisas ruins?

Já pensou em mudar para outro lugar? Se sim, onde seria? Por que teria essa vontade?

### MUDANÇAS QUE O RITMOS DAS ÁGUAS IMPÕEM ÀS PESSOAS

Morando aqui o senhor/a convive com a enchente e vazante do rio bem na porta de sua casa.

Me fale como é no período da enchente? E da vazante?

Dessas mudanças o que o senhor/a mais admira? E o que o que mais lhe perturba?

O seu dia-a-dia é modificado nessas épocas? Poderia me dizer como?

Se alguém quisesse vir morar aqui, o que o senhor/a diria a ele sobre a vida aqui na orla?

Que tipo de preparo essa pessoa teria que ter para viver bem por aqui?

### PROBLEMAS SOCIOAMBIENTAIS

Com a enchentes e vazante que tipo de problema aparece por aqui? Tem mais problemas na enchente ou vazante? Pode me falar como são esses problemas? O que o senhor/a pensa sobre isso?

O que tem ocasionado? Como poderia ser diferente? De quem seria a responsabilidade para melhorar o ambiente daqui?

O pessoal daqui alguma vez tentou fazer um mutirão para mudar alguma coisa desse lugar? Como foi? O que aconteceu? Valeu a pena?

## APÊNDICE 2 - MINUTA DO TERMO DE SOLICITAÇÃO DA ANUÊNCIA

**Poder Executivo**  
**Ministério de Educação**  
**Universidade Federal do Amazonas - UFAM**  
**Centro de Ciências do Ambiente – CCA**  
**Programa de Pós-Graduação em**  
**Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia - PPGCASA**

[nome do responsável legal pela associação],

[Cargo na associação]

Prezado (a),

Ao cumprimentar V.Sa., venho por meio deste solicitar a autorização desta instituição/organização para realização da pesquisa intitulada **“Percepção de moradores da orla do bairro da União de Parintins-AM sobre os ciclos sazonais do rio Amazonas”**, sob responsabilidade da mestranda **Alessandra Alves Dos Santos**, do Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPG-CASA da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e orientada pela **Profa. Dr. Maria Inês Gasparetto Higuchi**. A pesquisa tem como **objetivo principal** “Compreender as percepções dos moradores da “orla do Bairro da União” em Parintins- Am em relação à mudança do cenário geofísico e práticas socioambientais em função da sazonalidade do rio”.

Com sua anuência e concordância dos moradores que moram na orla do bairro da União, será feita uma entrevista em horário e data a ser acordado a fim de não prejudicar as atividades domésticas e comerciais dos moradores. A entrevista durará em média 15 minutos, que será feita individualmente em espaço ou cômodo disponibilizado pelo morador (a). A entrevista será áudio gravada com a permissão dos moradores. Asseguro que todos os cuidados serão tomados para manter o anonimato dos moradores participantes. As informações serão utilizadas para fins da pesquisa de mestrado e os dados serão confidenciais.

Por isso, solicito vossa concordância para entrar em contato com os moradores da orla do bairro da União para assim convidá-los para participar da pesquisa.

Para os moradores da orla do bairro da União será entregue uma folha com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Será respeitada a vontade do (a) morador (a), mesmo que não queira participar, sem prejuízo algum. Todas as entrevistas serão agendadas de acordo com a conveniência dos participantes e realizadas sem que prejudiquem o trabalho ou as atividades do seu cotidiano.

Informo que todos os procedimentos éticos serão devidamente respeitados e a pesquisa só dará início após a devida aprovação do Comitê de Ética da UFAM.

Nesse sentido, solicito que nos envie uma carta com a devida anuência discriminando o título da pesquisa em questão e o meu nome como responsável. Sendo o que resta, deixo meus agradecimentos por vossa colaboração.

Atenciosamente,

Alessandra Alves Dos Santos  
 e-mail: [alessandra15021989@gmail.com](mailto:alessandra15021989@gmail.com)  
 Contato: (92) 992654726

Profa. Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi  
 e-mail: [higuchi.mig@gmail.com](mailto:higuchi.mig@gmail.com)

## APÊNDICE 3 - TCLE

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Olá, meu nome é Alessandra Alves Dos Santos sou aluna do Mestrado da Universidade Federal do Amazonas/Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais e Sustentabilidade na Amazônia. Eu estou fazendo uma pesquisa sobre a **“Percepção de moradores da orla do bairro da União de Parintins-AM sobre os ciclos sazonais do rio Amazonas”**. A Profa. Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi é minha orientadora nesse mestrado. Por isso gostaria de convidar o senhor/a para participar desse estudo. Sua contribuição para esse estudo será de muita valia para analisar as percepções dos moradores da “orla do bairro da União” em relação à mudança do cenário geofísico e práticas socioambientais em função do ritmo sazonal de enchentes e vazantes do rio. Com este estudo pretende-se estimular políticas públicas para elaboração de programas que viabilizem nas pessoas práticas mais sustentáveis na Amazônia.

**Como será sua participação:** o/a senhor/a responderá algumas questões na entrevista que durará uns 15 minutos. O Senhor/a não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. A entrevista será gravada com seu consentimento e depois de transcrita e analisada, esses dados ficarão arquivados em uma pasta no computador da pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

**O que você precisa saber sobre seus direitos:** Ninguém saberá que o senhor/a está participando da pesquisa; não falaremos à outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que o senhor/a nos der. Se depois de consentir a sua participação, o senhor/a desistir de participar, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da entrevista, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Essa pesquisa não apresenta riscos graves, no entanto toda pesquisa que envolve seres humanos pode apresentar algum agravo, seja à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou ainda espiritual do indivíduo. Se esse for o seu caso lembre-se que o Sr. (a) tem a opção de não responder as perguntas. Asseguro que todos os riscos nessa participação serão controlados, mas se sentir algum desconforto ou cansaço, mesmo tendo aceitado previamente, o senhor/a poderá pedir para interromper a entrevista de vez, ou continuar noutro dia. A entrevista não há perguntas que atinjam seu caráter pessoal, as perguntas são relacionadas ao tema em questão sobre “Percepção de moradores da orla do bairro da União de Parintins-AM sobre os ciclos sazonais do rio Amazonas”. Todavia se o Sr.(a) se sentir prejudicado em algum aspecto poderá ser assistido em busca de retratação, assistência integral gratuita e orientação conforme a Resolução CNS nº 466 de 2012, IV. 3.h, IV. 4.c V.7 “que estão assegurados o direito a indenizações e cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao participante”. Enquanto aos benefícios se o Sr.(a) aceitar participar dessa pesquisa irão contribuir para a construção de um olhar seja em questões ambientais, sociais ou em outras aspectos que envolva a relação dos ciclos sazonais do rio Amazonas. Por meio dessa pesquisa poderão existir novos estudos e até mesmo análises que ajudem na conservação do território Amazônico. Ou seja, todas e quaisquer informações serão utilizadas por outros pesquisadores e contribuirão para proposta de melhoria na relação que envolve pessoa-ambiente.

**Sobre algum imprevisto:** Caso ocorra constrangimento ou desconforto durante o desenvolvimento da pesquisa o senhor/a, poderá solicitar a suspensão da entrevista. E se necessitar buscarei prestar o acompanhamento psicológico necessário ao senhor/a. Lhe asseguro que eu vou garantir indenização ao senhor/a (cobertura material e psicológica), em reparação a dano imediato ou tardio, que comprometa o senhor/a e/ou a coletividade, sendo o dano de dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual. Não lhe será pedido, sob qualquer argumento, a renúncia ao direito à indenização por dano.

**O que eu farei com as informações que recebi na entrevista:** Vou analisar as respostas de todos em conjunto, de modo que você nunca será identificado. Os resultados serão publicados numa dissertação de mestrado e depois num artigo científico. Esses resultados, bem como as publicações estarão à sua disposição quando finalizada. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Os resultados serão divulgados ao final da pesquisa, e as informações serão confidenciais, sem a identificação dos voluntários, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Deixarei com ao senhor/a uma via deste consentimento oral que tem o endereço de como entrar em contato comigo ou com o comitê de ética em pesquisa.

**Sobre contato e dúvidas:** Para qualquer outra informação, o (a) S.r. (a) poderá entrar em contato comigo no Centro de Ciências Ambientais no endereço Av. Gen. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 6200 - Campus Universitário Bloco T Setor Sul – Coroado CEP 69077-000 - Manaus/AM - Telefone - (92) 3305-1181 Ramal 4069, também pelo meu telefone (92) 992654726 e e-mail: [alessandra15021989@gmail.com](mailto:alessandra15021989@gmail.com) ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, CEP: 69.057-070, telefone fixo 3305-1181, ramal 2004, e-mail: [cep.ufam@gmail.com](mailto:cep.ufam@gmail.com) .

### CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

**Como fazer para dar minha concordância:** Se o senhor/a concorda com tudo isso que lhe falei, o senhor/a responderá “*aceito/ concordo em participar*”. Vou gravar essa sua resposta e aí vamos combinar quando faremos essa entrevista. Darei uma via impressa deste termo de consentimento para o senhor/a.

\*\*\*\*\*

#### [Gravação de voz] Concordância voluntária para participar da pesquisa

Se o/a senhor/a [**nome**] se considera bem-**informado(a)** dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada, bem como todos cientes dos meus direitos de participação, o/a senhor/a concorda em participar dessa pesquisa? [**sim**]. Também confirma que lhe foi dada a oportunidade de tirar todas as suas dúvidas? [**sim**]. Também confirma que recebeu uma via impressa deste Termo? [**sim**].

Parintins- AM, ..... \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ \_\_\_\_.

## ANEXO 1- TERMO DE ANUÊNCIA

Conselho Fiscal e Setor Jurídico  
CNPJ: 14.595.989/0001-38



SEDE PROVISÓRIA: RUA SILVAL ALMEIDA-376-BAIRRO DA UNIÃO  
TELEFONE: (92) 99122-0367 / 98438-0818  
PARINTINS AMAZONAS – BRASIL

PRESIDÊNCIA: PÁTRICIA MACEDO DA SILVA DIRETORIA JURÍDICA: Dr. RONALDO MACEDO

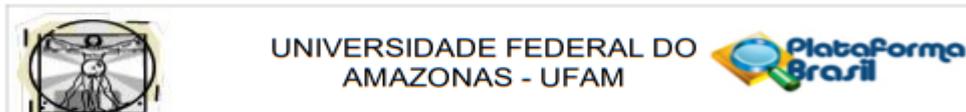
### TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado “Percepção de moradores da orla do bairro da União de Parintins- AM sobre os ciclos sazonais do rio Amazonas”, que tem como responsável a mestrandia **Alessandra Alves Dos Santos** do Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPG-CASA da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) sob orientação da professora Profa. Dra. **Maria Inês Gasparetto Higuchi**. Assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada com moradores da orla do bairro da União na cidade de Parintins-Am, no período de 06/11/2023 a 16/02/2024, após a devida aprovação no Sistema CEP/CONEP.

Parintins- AM, 21 de outubro. de 2023.

  
Patrícia Macedo da Silva – Presidente do bairro da União

## ANEXO 2 – CÓPIA DA APROVAÇÃO DO CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** PERCEPÇÃO DE MORADORES DA ORLA DO BAIRRO DA UNIÃO DE PARINTINS-AM SOBRE OS CICLOS SAZONAIS DO RIO AMAZONAS

**Pesquisador:** ALESSANDRA ALVES DOS SANTOS

**Área Temática:**

**Versão:** 4

**CAAE:** 71203123.9.0000.5020

**Instituição Proponente:** Centro de Ciências do Ambiente

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.523.641

#### Apresentação do Projeto:

Segundo o(a) pesquisador(a) responsável no documento PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2172047.pdf- 13/11/2023 21:46:46

Resumo: Na Amazônia o fenômeno do ritmo sazonal das águas, que periodicamente traz as enchentes e as vazantes dos rios, proporciona mudanças substanciais na vida das pessoas e altera o ecossistema local. A orla do bairro da União recebe muitos turistas no período da enchente lá se concentram os flutuante e barcos de pequenos e médios portes e com isso existe uma concentração maior de comércio e de pessoas. Dessa forma é importante para mim enquanto pesquisadora poder dizer o que os moradores pensam sobre esse lugar de moradia e de uso público para o turismo e comércio? Teriam eles alguma intenção de ver esse lugar com melhorias ambientais? Para essas pessoas que moram na orla do bairro da União o ritmo das águas é algo esperado? Esses ritmos sazonais impactam de que forma a vida desses moradores? Estes questionamentos estão postos para conduzir o estudo aqui proposto. Esse problemático cenário está presente na orla do bairro da União em Parintins-AM. O objetivo deste estudo é compreender as percepções dos moradores da "orla do Bairro da União" em Parintins-AM em relação à mudança do cenário geofísico e físico-socioambientais em função da sazonalidade do rio. O estudo trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva será realizado a partir da aplicação de uma entrevista semiestruturada com 40 indivíduos, ou seja, moradores maiores de 18 anos que vivem

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3305-1181

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.523.641

Folha de rosto– Adequado

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

**FOLHA DE ROSTO:** está preenchida e assinada corretamente. Apresentado no arquivo - FolhaDeRostoAjuste.pdf - 05/09/2023-15:08:52."ADEQUADO".

**TERMOS DE ANUÊNCIA:**Apresentado no arquivo - termodeanuencia.pdf - 22/10/2023 - 13:54:40-"ADEQUADO".

**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS::**Apresentado no arquivo - instrumentodepesquisa.doc22/10/2023 13:53:19 - "ADEQUADO".

**TCLE:**Apresentado no arquivo - TCLEAjuste.doc - 05/09/2023 15:14:21 - "ADEQUADO".

**Recomendações:**

Vide campo de Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O(A) pesquisador(a) deve enviar por Notificação os relatórios parciais e final. (item XI.d. da Res 466/2012-CNS), por meio da Plataforma Brasil e manter seu cronograma atualizado, solicitando por Emenda eventuais alterações antes da finalização do prazo inicialmente previsto.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este CEP analisa os aspectos éticos da pesquisa com base nas Resoluções 466/2012-CNS, 510/2016-CNS e outras complementares. A aprovação do protocolo neste Comitê NÃO SOBREPÕE eventuais restrições ao início da pesquisa estabelecidas pelas autoridades competentes, devido à pandemia de COVID-19. O pesquisador(a) deve analisar a pertinência do início, segundo regras de sua instituição ou instituições/autoridades sanitárias locais, municipais, estaduais ou federais.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2172047.pdf	13/11/2023 21:46:46		Aceito

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**Telefone:** (92)3305-1181

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.523.641

Outros	Carta.docx	13/11/2023 21:42:47	ALESSANDRA ALVES DOS	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRostoAjuste.pdf	13/11/2023 21:30:13	ALESSANDRA ALVES DOS	Aceito
Parecer Anterior	PARECERCONSUBSTANCIADO.pdf	13/11/2023 21:22:42	ALESSANDRA ALVES DOS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	13/11/2023 21:22:03	ALESSANDRA ALVES DOS	Aceito
Outros	criteriodeinclusaoeexclusao.docx	13/11/2023 21:11:23	ALESSANDRA ALVES DOS	Aceito
Outros	beneficios.doc	13/11/2023 21:09:43	ALESSANDRA ALVES DOS	Aceito
Outros	riscos.doc	13/11/2023 21:08:39	ALESSANDRA ALVES DOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetoajustedocep.docx	13/11/2023 21:07:54	ALESSANDRA ALVES DOS SANTOS	Aceito
Outros	minutadasolitacaodeanuencia.doc	22/10/2023 14:05:53	ALESSANDRA ALVES DOS	Aceito
Outros	locusdapesquisa.docx	22/10/2023 14:02:37	ALESSANDRA ALVES DOS	Aceito
Outros	termodeanuencia.pdf	22/10/2023 13:54:40	ALESSANDRA ALVES DOS	Aceito
Outros	instrumentodepesquisa.doc	22/10/2023 13:53:19	ALESSANDRA ALVES DOS	Aceito
Orçamento	financeiro.docx	09/09/2023 15:34:53	ALESSANDRA ALVES DOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLAEajuste.doc	09/09/2023 15:14:21	ALESSANDRA ALVES DOS SANTOS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MANAUS, 22 de Novembro de 2023

Assinado por:  
Eliana Maria Pereira da Fonseca  
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Teresina, 4950  
Bairro: Adrianópolis  
UF: AM Município: MANAUS  
Telefone: (92)3305-1181 CEP: 69.057-070  
E-mail: cep.ufam@gmail.com